

L.

7

3a

$\frac{7}{10}$   
 $\frac{19}{19}$

~~H. J.~~  
9301

B

10

X

$\frac{1}{1}$

14





VIDA

DO CONDE  
DUQUE;

ESCRITA PELLO MAR-  
quez Virgilio Malvesi na  
lingua Italiana;

E mandada tradusir na nossa Portuguezã,

Por industria do P. Fr. Jorge de Carvalho Reli-  
gioso de S. Bento, D<sup>or</sup> na S. Theologia, pel-  
la Universidade de Coimbra, Cali-  
ficador do S. Officio na  
Inquizaõ de  
Lisboa.

DEDICADO AO PRINCIPLE  
D. Theodosio nosso Senhor

EM LISBOA.

*Com todas as licenças necessarias:*

Por Manoel Gomez d'Carv<sup>o</sup>. Impressor  
del Rey N. S. pello Estado do  
Bargança. Ann



1707  
DVOYE

BY THE REV. MARY  
MARRIOTT

OF THE  
SCHOOL

AT  
LONDON

IN THE  
YEAR

1707

PRINTED  
BY

W. CLAYTON

# L I C E N C, A S.

**V**este livro incluzo, & entêdo, que não tẽ  
coufa que seja contra nossa S. Fè, ou bons  
custumes, antes me parece digno de se lhe dar  
ao P. Mestre a licença, que pede para sua impres-  
são, neste convento do Carmo de Lisboa 7. de  
Setembro de 649.

*D. Fr. Gaspar dos Reys.*

**V**ista a informaçãõ podesse imprimir o li-  
vro de que se faz mençaõ, & depois de im-  
presso tornarã ao Conselho, para se conferir  
com o original, & se dar licença para correr, &  
sem ella não correrã. Lisboa 7. de Setembro. de  
1649.

*Fr. João de Vasconsellos. Pedro da Sil-  
va de Faria. Francisco Cardozo de  
Torneo. Pantalião Rodrigues Pacheco.*

**P**odesse imprimir Lisboa, 21. de Outubro  
de 649.

*O Bispo de Targa:*

**Q**ue se possa imprimir este livro visto as li-  
cenças do S. officio & Ordinario, que offe-  
rece, & depois de impresso se taxar,

# L I C E N C I A S.

Lisboa 30. de Outubro de 649.

*Menezes      Cazado.*

**E**ste livro está cõforme cõ seu original. Neste Convento da Santissima Trindade 7. de Março de 1650.

*D. Fr. Adriaõ Pedro.*

**V**isto estar conforme com seu original por de cortei. Lisboa. 8. de Março, de 1650.

*Fr. Ioaõ de Vasconsellos.      Paulo da Silva  
Francisco Cardozo de Torreyo.  
Pantaleão Rodrigues Pacheco.*

**T**razõ este livro em 120. reis. em papel. Lisboa 3. de Março de 1650.

*J. Pinheiro.      Menezes.*

AO PRINCIPE  
Dom Theodosio N.  
Senhor.

SENHOR.

**E**STE livro escreveo o Marquez Virgilio Malvesti, hum dos mayores engenhos, que ti verão e suas taudes, e que melhor entẽdes a razão de Estado, e ensinou a politica aos Principes, outros imprimio em que senão empenhou tanto, porque neste he certo, que lhe hia mais, pois escrevia a vida de hum valido, que estava tão mimozo da fortuna, e de cuja vontade, pẽdião os mayores premios de suas esperanças, motivo que pode servir de desculpa,

ao que V. Alteza nelle achar de lisonja;  
Não se tradusio na lingua Castelhana  
para que se vise a elegancia, que contra  
a opinião de alguns, tem a lingua Portu-  
gueza, & pois se avia de dedicar a hum  
Principe de Portugal, não era convenien-  
cia, que fosse na lingua de Castella. O  
livro ainda que pequeno no corpo, pare-  
ceo ao Marquez, tão grande na alma, q̃  
sò se podia dedicar, a El Rey Phelipe, (de  
quem ainda que Italiano de nação) era  
Vassalo por assistencia; & he o ~~o~~ peito  
que eu acho para o offerecer, aos pés de  
V. Alteza, porque como lhe dezejo melho-  
rar a sorte, sò lhe posso crescer a ventu-  
ra, sendo dedicado a hum Rey de Castel-  
la, dedicandoo a hũ Principe Dom Theo-  
dosio de Portugal. O Marques quiz cõ  
este livro, advertir a El Rey Phelipe, a  
razoens de Estado, com que podia gover-  
nar

nar a sua Monarchia, & elle ou não as  
leo, ou não as guardou: sirvase V. Alte-  
za de as guardar na memoria, para que  
melhoradas, com o seu grande entendi-  
mento de Deos a V. Alteza todo o Impe-  
rio da Christandade, & o senhorio dos  
enemigos da Fé. Creò que lerá V. Al-  
teza este papel com gosto, porque ha de a-  
char nelle tocadas (no estillo laconico) as  
sciencias que V. Alteza sabe, com tanta  
erudição, tão dilatadamente, a Matha-  
matica, em que V. Alteza pasma, aos pou-  
cos annos, que tem de idade, com os muy-  
tos, que tem de sabedoria, achará V. Al-  
teza tocada em diversos lugares, quando  
falla das Estrellas. A Philosophia, em q̃  
o engenho de V. Alteza, transcende tan-  
to os encarecimentos, que hê a admira-  
ção dos mayores Philosophos (não por  
Principe, senão por sabio) encontrará

V.

V. Alteza em todas as folhas. Ensina  
Senhor o livro aos validos a servir, &  
aos Principes a governar, aos Vassallos,  
como ão de tratar do merecimento, &  
aos Reys, como ão de distribuir o premio.  
Acrecente Deos a vida a V. Alteza, co-  
mo ha mister este Reyno. Março 6. de  
1650.

Humilissimo Capellão de V.A.

Liv. Jorge de Carvalho:

# AJO LEITOR.

**E**STE piqueno livro da vida do Cõde Duque, teve tão grande Autor no Marquez Virgilio, que se pode dezejar o thezouro, quando não de como o Cõde Duque a passou, da elegancia com q̃ o Marquez a escreveo, não do modo com que se obra senão do engenho com que se relata. Chegou á minha mão na lingua Italiana, em que elle a dictou, & eu a restituo no nosso Portuguez, em que hum amigo a traduzio, Religioso he de S. Bento, com grande noticia das linguas, & das sciencias

Naõ se quer, no livro he mais, se a disciçãõ, se a lizõgea. Mas bẽ se pode sobrelevar o lizõgea do, se se interessar o discreto. Escrevia o Marquez de hũ valido vivo, não he admiraçãõ, q̃ o a plaudisse, se agora escrevera de hũ disprivado morto, certo era q̃ o não lizõgeasse, po q̃ os mi mozos, desfavorecidos, & sepultados, vẽ a pagar cõ a verdade o q̃ delles encareceo a mêtira. Se bẽ ainda se pode cõsiderar no Cõde Duq̃ differença no q̃ vive. Nero começou o Imperio pic, & feneceo o governo tirano. Podia o Conde Duque principiar bem, & acabar mal, no principio conservando a Monarchia, e no fim destruindo a

doa. Aproveitese o Leitor do que o Marquez diz naõ emitem os poderozos o q̃ o Cõde Du que fez: porq̃ne se o Conde Duque naõ obrou o q̃ o Marquez escreveo, obte o Leitor, como elle escreveo, & virá o Marques a ensinarnos q̃ imitemos, na mesma vida que culpamos.

Ou entendase q̃ o livro q̃ na vida do Cõde Duque pareceo lizonga, pode despois da morte do Conde Duq̃; parecer satira, pois se naõ dizia o que fez, murmurando q̃ naõ fes, dizendo o que devia fazer, & he o satirizar mais, engenho o firir com a adulaçaõ, & magoar cõ o aplauzo Naõ faltará quem diga q̃ naõ hera a vida do Conde Duq̃; pera occupaçaõ do égenho que a escreve. & a do Portugues, que a traduz: mas se o Marquez, hè Coronista politico da soberba de Tarquino despois de morto, como naõ será Coronista lizonjeiro da vida do hum privado de que depedia estado vivo. Nẽ os Portuguezes, devẽ averreecer as memorias do Conde Duq̃; porq̃ mais lhe devemos nos agravos, q̃ aos outros validos nos favores, q̃ se o favor, nos fez sofrer, & o agravo despertar mais devo ao agravo q̃ me refusita, q̃ ao favor q̃ me amortalha. Lede o Leitor alias razoẽs de estado, disciçoens Philosophicas, & Philpophias discretas, q̃ ainda q̃ o livro he pequeno, sempre o Au'or no Mundo há de ser grande.

O D. Fr. Jorge de Carvalho.

PROLOGO AO LEITOR  
Do Marquez Virgilio  
Malvesi.



Vnca ò Leitor, escrevi livro,  
com mayor gosto, nem com ma-  
yor perigo, os enemigos do su-  
geito de que escrevo, me cha-  
marão contrario, os emulos, di-  
rão q̃ sou adulator, os affectos me culparão  
de limitado; & pode ser que elle mesmo de  
atrevido. ~~...~~ que crea, q̃ eu tenho dito  
mais, do q̃ tenho dito, & averá que presuma,  
tenho dito menos, & me fará dizer o q̃ eu não  
disse, & finalmete pode haver que se desgos-  
te, de me ver uzar da licença cõ q̃ digo, hu-  
milde pesso ao Conde Duque, que me perdoe:  
a seus amigos que se cõpadeção, a seus emu-  
los que saibão, que não escrevo cõ aduiação,  
& a seus contrarios que creão, que não me  
move odio.

Hê empresa, de pouca prudencia (assi o  
confessã

# PROLOGO.

confesso em verdade) velatar acçoens alheas, sem conhecer, qual mais asegure, se o favor, se o odio. Perderei o credito contigo o Lector, pois não te persuadiras, que saiba escrever regras de politica, quem as não sabe obrar, & respondera cu, que o que faz a brida, não sabe enfrear o cavallo, por em não quero fazer servil, a q̃ he architectonica, nem pertendo mostrarme Mestre; onde me podem conhecer discipulo. Pudera eu dizer, que senão he a mesma, hũa piquena casa, & hũa grande Cidade, que não será també a mesma a politica dos Príncipes, & dos particulares, mas não quero buscar esuzza, onde espero alcançar gloria; todas minhas acçoens, são sem politica, porque me falta o interesse; & só professo o affecto grande para os amigos, & a obrigação para os senhores, & conhece esta verdade, quem me conhece.

Nenhũa couza me suspendeo mais a pena para escrever este livro, nenhũa couza me deteve mais o impulso pera estampalo, que  
estar

## AO LEITOR.

estar certo (obrigame a dizelo a malicia dos  
 tempos) que o Mundo cheo de interesse, &  
 de adulaçãõ corre a julgarme, cheo de adu-  
 laçãõ, & de interesse, mas a V. Excellencia a  
 grande privado publicamente protesto, que  
 escrevi primeiramente pella verdade, que  
 tanto merecem as grandes accoens de V.  
 Excellência, & depois pello agradecimento q̃  
 devo as ofertas que no tempo de minhas des-  
 graças, benignamente me fizeram por ordẽ  
 de V. Excellencia, & se eu não acertei em  
 seu gosto de novo lhe peço que me perdoe,  
 mas se acaso V. Excellencia julgar se deve a  
 minha vontade, outro premio, que não fosse  
 a sua graça, ou fero louvor, eu o fini-  
 rci como agravo, & me necessitarã de cha-  
 mar a V. Excellencia, com o título de ingra-  
 to, porque minha caza nunca soube merecer  
 premios em Espanha, com outra pena, que  
 com a espada, com outra tinta que com o jã  
 gue. & com aquella, & com este, estou prõp-  
 to, senão para merecer, para servir.

Não sou tão vil, que eu me ahera a'cãçar  
 premio

## PROLOGO.

premio nem taõ arrogante, que para ensinar preceitos imprima, nem taõ pouco vãõ, que naõ escreva por grangearme creditos, & por ventura que se me deva louvor, senãõ porque o naõ mereço, ao menos, porque operando; & quando este affecto, naõ mereça louvar-se, merece se quer compadecer-se. Nace sempre com nosco, raras vezes morre primciro que nos, & muytas vezes nos faz viver mais, ainda que do que vivemos.

Eu te pesso ò Leitor, (e ~~te~~ildemente te pesso) se meus escritos te mereçerãõ contigo algũa hora, ou deſtraindote às ociosidade, ou roubandote ao sono, me queiras fazer hum favor em que me vai credito, q̃ em meus livros, assi passados, como presentes, entendas que nem pretendi, nem pretendo, offeder a pessoa particular, ou Principe, a affeição d. alma com que corroſpondo a meus senhores, o affecto brãdo, cõ q̃ amo a meus amigos, naõ me fizerãõ, nem me farãõ esquecer ~~me~~ Reverencia de que vivo o. brigado

# AO LEITOR.

brigado aos Principes, & daquelle respeito, que a todos sou devedor. Meus escritos não devem ser interpretados figuralmente, nẽ tem outro espirito, que aquelle que espira, não escrevo pello modo Egipcio, nem pretendi mais dizer, que aquillo, que disse, & pois não quiz dizer, o que não tenho dito, ser certo de me não fazer dizer, o que não disse. Protesto, que se ouver quem por qual quer motivo escreva contra mim, que lhe não heide responder, porque se escreverem contra o que eu disse, ou contra o que eu tiver dito, ou se defenderã por si, ou não me reserã ser deffendido, se escreverem contra o que eu não disse, não me obriga a que o defenda.

Adverte ultimamente o Leitor que o livro não vay acabado, & que não posso dezer jar acabado, se primeiro não dezejo viver mais, que aquelle que he digno de viver mais que o tempo, & viver a ternidade. Tudo o que escrevo, não he tudo o que fará o Conde Duque, nem me he tudo o que te  
feito

# PROLOGO.

feito, he só o pouco que eu soube do infinito que elle fez. Bastará que a minha mão se não tem hũa pena das azas de Mercurio, para usar por este caminho, e tivesse hum de seus dedos para mostralo. Quem sabe o meu louvor, qual o movimento de hũa mão dá ao movimento a hum acôrdo de canoros cisnes, que voem por aora mais nobre deste afortunado Ceo? Mas praza á sua divina Magestade, que o não de tambẽ, a algũ rãco, & importuno desconcerto daquelle que groceiramente acustumados turbão as christalinas agoas da sabedoria. ~~Verdade~~

## ERRATAS DO PROLOGO.

na volta reg. 10. murmurando, diga mormurava do, no prologo do Au-  
tor §. que começa eu te peço na reg. abaixo escritos te, tire o tẽ.

## ERRATAS DO LIVRO,

FOL. 6. reg. 7. conta diga; contar. fol. 7. reg. 20. idéa, acrecente. que do seu Rei não formava outros conceitos. fol. 10. reg. ult. influxes, diga influxos. fol. 17. reg. 19. he negocio acrecente; he negocio. fol. 17. reg. tire o bem. fol. 24. reg. 5. difficulosamente diga difficulosamente se fol. 27. reg. penult. não, diga se não. fol. 30. reg. 8. falta diga fama fol. 40. reg. 12. reconhiada: diga reconhecida. fol. 42. reg. 19. obrizãõ diga obrizã, aõ fol. 64. reg. 12. leve diga teve. fol. 74. reg. 14. e diga se. fol. 109. reg. 11. eminente, diga eminente em hũa. fol. 111. pecca diga peccar fol. 125. reg. 16. desinferioridade, diga dis. inferioridade. fol. 131. reg. 11. que os diga: que são os. fol. 132. reg. 8. o falem, acrecente o foi. fol. 133. reg. 20. tire o mas. fol. 140. reg. 19. tiverão, diga tiraõ. fol. 140. reg. 20. enhor, diga feshor. fol. 140. reg. ult. dominio, acrecente nunca.

RETRA



RETRATO  
DO

PRIVADO  
Politico Christão

TIRADO DO ORIGINAL  
de algumas acçoens do Conde Du-  
que de S. Lucar.

A Catholica Magestade de Phelippe IV.  
o grande.

*Virgilio Malvesti.*



ESCREVO a V. Mag<sup>de</sup>. an-  
tes escrevo de V. Magesta-  
de, escrevo do seu privado.  
Contase, que Mouzes,  
A. . . . . Sabie

fobre o monte falou com Deos, & ha quem crea, que falou com hum Anjo: são tal vez, figura de Deos os Anjos, para com nosco, dos Anjos para com os Principes, os favorecidos, de Deos pera com os homens, os Principes. Aquelle Magnanimo, cujas maravilhe- las victorias, não eraõ para tirar, senão para offerecer, quando vio prostrada a quella preza Rainha, aos pès do seu valido, jul gou, por erro glorioso, e que a sua grandeza já subida a mayor fortuna lhe dictou fize se dos Alexandri- nos Se entre Autores de grande fama, ouve quem estimou digno de louvor grande, a hum Principe, porque tinha hum ministro digno de grãde louvor, quanto mayor se deverà a V. Magesta- de, que tem taõ grande Ministro, que o creou, & que o elego? Que acção gloriosa relatarci, na qual este privado grande não reconheça a V. Magesta- de por por original? Ou porque nella

concor-

concorreo com o que mandava, ou cõ o que favorecia, ou porque com a difficença, & a grandeza lha influya, & lha dictava. Copiarei a imagem de V. Magestade (ò grande Rey) senão a verdadeira, pello menos a semelhante. O mesmo Deos, não desistima, o verso retratado na semelhança de hum homem, não porque seja a sua imagem, senão porque o fez à sua imagem.

Penozo, mas aproveitado he escrever as accões gloriosas, dos feitos prezentes. ferem, & curaõ: lá só obraõ onde ferem, & lá samente ferem onde, fáraõ. O echo do seu nome, desperta, estimula, & insita. Não deixa lugar ao ocio vil, pera passar ociozo o tempo, no lamentar do tempo. Se nasce hum homem de valor, a fama delle, de hum custo produz mil, porque se ella es não produzira, fora ja o mundo de hum sô, & tal vez esterilizado, hum sô tivera produzido. A gloria do pass-

dos ao modo do Rey dos Alpes, tem Magastade, tem grandeza; nãõ tem estímulo, nãõ magoa, nem anima: dezanima, se se examina, porq̃ he sem alma

A condiçãõ humana lamétavel, torna dezistimada aquella gloria, que nãõ lograda da alma, q̃ nãõ sintida dos cadaveres, chega a ser vaã com o corpo, & depois sem elle, vanissima; he ella hũ accidente, quer se unida a substãcia, & morrendo esta, se nãõ deixa de ser, deixa de obrar

As acçõs dos antigos, para q̃ se louvẽ, basta q̃ elegãtemete se cõtẽ, como os retratos, basta q̃ artificialmente se pintẽ, nẽ se considera, se aquellas sãõ verdadeiras, nẽ se estes sãõ semelhãtes; porq̃ daquelles, nẽ as acçõs se sabẽ, nẽ destes os originaes se conhecem; mas quẽ escreve as obras de quẽ vive, quando lhe debuxa o retractõ, logo se expõha à eẽsura, ainda do q̃ menos julga, pois se nãõ nõ

fiem vox às imagẽs.

Os homens tal vez carecem d'os olhos, & se os tem não vem a cor, porq̃ os não tem ella; cada hũ julga de quẽ escreve, conforme o affecto cõ que julga, de maligno este, de adulator aquelle; eu professo reconhecer infinitamente, ataõ grãde Haroc; mas antes se achára, q̃ eu groceiramẽte profane, do q̃ fiel mẽte satis faça, a hũa obrigação tão propria, q̃ como hẽ nascida da virtude da Magnanimidade, não se quer ver paga cõ o vicio da adulaçaõ; hũa nota tal, não sentiria eu muito avela incurtido, com os emulos d'elle, quando cõ elle, a não ouvese incurtido; tenho por mais facil cauzar lhe no rosto acor do pejo, q̃ a elles a da enveja: no falar de seus grãdiosos feitos, espetarei sempre menos licença da enveja, que da modestia, porque nelle hẽ mayor a virtude que o defeito nos envejosos.

A V. Magestade p. venho a pedir

a comizaração de meus escritos, muy desiguaes para os successos. He mais facil (assi o confesso) o dizer, q̃ o obrar, quando se ouver de obrar, o que se che gou a dizer, mas depois, he mais facil por ventura, o que se faz, que o que se diz, quando se ouver de conta, o que se ja tem feito. Tem mais força que o Epico, que nos escritos se lê, o Dramatico, que nos theatros se representa; & ainda o que se representa, hê muy inferior de espirito, ao que se lê, se tem alma, não tem aquella alma.

Concedase contudo aos escritos, a quelle louvor, q̃ se custuma dar de que ama, a hum rosto pintado; que se as penas, n ão hãõ de ser inferiores aos pinseis, se as palavras não hãõ de dar ventagens as cores de ve ser de grã se estima a Vossa Magestade ver em sua presença expostas, se não vivas, ao menos retratadas, aquellas acçoens que Vossa Magestade julgou dignas de seus generozos

nêrozos affectos. Sey bem, que este retrato, se não devia fazer, se não por hũ Apelles, & hum Apelles, que colhendo de todos os privados dos Reys, & dos Príncipes grandes todas as qualidades maravilhosas, que tiveraõ unidas neste, as represêntara aos olhos de V. Mag

Naceo Dom Gaspar de Gusmaõ, treceiro Conde de Olivares, de Dom Emrique de Gusmaõ, sendo Embaixador em Roma, por S. Magestade, & de Dona Maria Pimêtel, Senhora de grã diffinão preço, & de singular nobreza. Se a imaginativa, tem força de fazer impressãõ em brãndos conceitos, & se tem parte no representar à idèa a virtude, que forma, qual cõceito diremos que formase, qual idèa q̃ impressiõ, aquelle, que não se conhecia falar de outra idèa, que do seu serviço? não excluyo o de Deos, porque estes catholissimos Reys, como todos seus intentos saõ a honra de Deos não podem ser ser

vidos, sem q̄ primeiro se sirva a Deos.

Quando os homens se cazaõ, se affi-  
tratarãõ de ajustar-se com as qualida-  
des, como com as riquezas, seria mais  
vztes hereditario o valor, que os the-  
zouros; & assi mais seguro das filadas  
dos homens, & menos fogeito, aos en-  
contros da fortuna, aqual se tal vez  
lhe impede o obrar, naõ lhe tira o ser.

*Nacço em Roma, & doze annos, seguiu  
ao pay, occupado sempre, em cansados ne-  
gocios, em Sicilia, & Napol, em cujas  
Provincias exercitou sèpre, o posto supre-  
mo de vizo Rey. Naõ he a patria do ho-  
mem, aquella em que nasce, he aquella  
debaixo da qual nasce. Os antigos fa-  
bics, chamaraõ ao homem, arvore plã-  
tada às aveças: porque assi como a pa-  
tria da arvore he a terra em que pren-  
de as raizes, assi a patria do homem he  
o Ceo, aquem as tem expostas, firmase  
no proprio natural. Lançar raizes en-  
tre os fuzes, he como hũ a arvore ao direi-  
to,*

to, & hum homem ao revés. Estes tais  
 as mais das vezes, são semelhâtes às  
 plantas, q̄ cultivadas nas fertilidades  
 dos terrenos, se vem pella mayor par  
 te pompozas, mas infructíferas. Os ce  
 dros, q̄ na esterilidade dos montes, en  
 contrados, dos ventos, & dos trovoês,  
 nascem, & se criaõ, não temem depois,  
 os impetos furiozos dos Aquilões ma  
 is soberbos; mas se nas amenidades, das  
 planicies mais deliciosas cõ vicio, cre  
 cê, & se engrossaõ, não sabê soffrer, ou  
 tros ares, q̄ os brãdos, & benignos, cõ q̄o  
 Zefiro os regala; & de outra forte ou  
 perdê as raizes, ou vem abraçar a ter  
 ra.

*Tornado a Espanha, ja encaminhado  
 nas artes, se entregou ao estudo das leys,  
 não para defender as causas, com os casos  
 de Ticio, & de Semprônio, mas para def  
 fender os Estados, com a prudência dos Ju  
 risconsultos.*

*A ley, he hũa politica* hoje poucos  
 as

tas são politicos: aquelles que a fizê-  
raõ o foraõ, mas naõ o faõ, aquelles q̃  
a aprendem: porque aprendem fomen-  
te o que se fez, mas naõ aprendem, o  
fim para que se fez: poucos daquelles  
que sabem leys, as entendem. Quem  
busca a authoridade, sem a rezaõ, he  
sem rezaõ; tirar a rezaõ à ley, he hum  
privar a da alma, & he hum privar-se da  
alma Succede isto, porque a politica  
em muytos tem chegado a ser mecani-  
ca, & sendo primeiro, filha legitima do  
juizo, veyo a fazer-se adoptiva da me-  
moria, & os legistas de pacionaes, es-  
taõ feitos empiricos.

Foy feito Reitor de Salamãca. Quê  
tivera olhos de lince, conheccera tal-  
ves, como com os meninos no berço,  
parece se fazem mininas as estrellas,  
& se mostraõ de materia para com as  
almas, senaõ impedidas, pello menos  
naõ ajudadas. São entaõ, mais seguros  
os influyes ~~da~~ que menos podero

zos; & por ventura quiz Deos que na quella idade, tenhaõ menor forte, na qual tem menor força a alma, que ha de dominar a força dellas.

Os influxos das estrellas, são sêpre os mesmos, não o parecê, porque não são sempre os mesmos, aquelles que os recebem. Os actes dos agentes, para q̄ bem se introduzão, querem boa disposição nos que os recebê. Aquella estrella que queria fazer grande a Cyro, porque o achou entre mininos, o fez Rey de mininos: & essa mesma foy a q̄ depois, achandoo nos exercitos, o fez Rey dos Perças. Aquelle astro, q̄ em Salamanca, fez ao Conde Duque, o primeiro da Univerſidade, he o mesmo, que achandoo na Corte do mayor Monarcha, o faz dos primeiros de Vniuerso.

Morreo neste tempo, Dom Ieronymo leu mayor irmão, & elle de segundo filho, ficou primeiro. Os primoge

nites, porque tem por dom da fortuna serem os primeiros, tem tambem muitas vezes, por dom dos homens os bens da fortuna: este costume por ventura não está em uzo, por causa de premialos, se não de socorrellos: os últimos nados, são às vezes mais valerosos: he grande argumento, o velos nacer menos afortunados. Quem não sabe, q os homens, ou por motivo da alma, ou por qualquer outro impulso conhecem esta verdade, pois lá acodem com os reparos do ouro, onde faltão os reparos da virtude?

He maior ventura, o viuer qual quer tempo segundo, & depois ficar primeiro, que nacer este. Quando as riquezas, precedem ás virtudes, muitas vezes a empedem, & quando a seguem a ajudaõ: o que naceo primeiro, presume conservar o esplendor de seus antepassados.

tēpassados, com o resplandor do ouro, como se as riquezas, foraõ o fomento das ignorancias: donde vem, que fazem muytas vezes, virem a ser ministros do ocio, aquellos bens, que ja foraõ premio dos trabalhos: mas os segundados filhos, por livrar-se dos aggravos da fortuna, se confiaõ aos desvelos de fadiga, e onde não podem igualar-se, com a riqueza, vencem com a forte, & fazem parecer, que a muytos vem a ser vir de fortuna, o ter nascido sem fortuna.

*Morreulhe tambem o pay, com que lhe foi forçado, passar-se, do contemplar, ao fazer. O estudo he hum ocio, & se com tudo he no goceo do ocio. Seria huma laci via, se não fosse do entendimento, debilita os animos, enfraquece os corpos, porem seu dano he sua*

ve, porque senão sente. O estar sempre absoito nos livros, he hum morrer entre os vivos, & he hum viver entre os mortos, ou he hum morrer a todos: & quasi que nem ainda he hum viver affi mesmo. As antigvas Respublicas, julgãõ perniciosissimo, o dar reputação a outras obras que não fossem filhas do valor: conhêcião que para distrahir o entendimento do enfermo das sciencias (como erão sem fruto) que importava o priv. las affi da gloria. A ella aspirão, todos os que vivem no Mũdo, senão são nescios, & agora mais, q ella consiste tanto no saber, quanto no ebrar, depois que os homens primeiro se habilitão, para o que se contempla, que para o que se obra, os mais delles correm àquelle caminho, em que primeiro se introduzirão: & pode ser, que todos assim correrão se a natureza q fez a primeira idade, inhabil para o brar, a nam se era tambem deficituoza

para

para entender. Quem por furtar-se ao título de preguiçoso, chama ao estudo trabalho, ou me engana, ou se engana, ou quer enganar. O estudo he hum deleite, & quando nam seja deleitação nam he penna. He hũa payxam q̄ def vela, nam fere, nem magoa, porque he pouca na materia, & nam divide o côtinuo.

Partiu-se á Corte, chegou doutrinado, porque não partio ignorante. A Corte he hũa escola de Grammatica; não dà os primeiros alimentos, nem ensina os primeiros elementos. O mantimento não he leite, raras vezes produz, refina. He incompativel, com o servir bem, o estudar, mas he depois forçoço para servir bem, o aver bem, o aver estudado: tem muytas vezes os Principes, grande falta de homens, que saibaõ, porque os não fazem: & muytos fariaõ, se assim fizeraõ meritorio o estudar, como fazem o ser

vir; mas porque logo que se começa a servir se começa a merecer, & não se começa a merecer, logo, que se começa a estudar, dedicaõ muitas vezes os homens aos Principes, aquella idade que deviaõ dedicar ciencias: donde de pois succede, que o merito delles, se cõta com os annos, & não se peza, com as açoões, & são na quelles prescridos tal vez de huma figura de Arras, porq̃ nos annos lhe percede.

*Foilke offerecida, a embaxada de Roma, com ajsiguralo, que depois alcançaria o titulo de Grande, horra merecida de seu pay, que impedio a morte, porem o Conde conheceo que esta embaxada lhe impedio o crecer, a não quiz accitar, não podendo primeiro adquirir aquella grandeza, que ouvera de adiantalo.*

O estar, não he propriõ do homem vive este de baxo de hum Mundo, sempre mobil, & he hum Mundo sempre mobil, qaand, não vay a diante, torna  
atras

atras, senão aonde estava, pello menos onde estava seu dezejo. He o homem caminante, que caminha a felicidade, se a busca, & a não acha, não quieta em quanto a não achou, & a não pode achar, até que não morreo. He tão natural o movimento ao homẽ, q̃ se se não adianta, por se não ver detido, se atraz: não porque avorreça as felicidades, mas porque as não acha, & não podendo passar mais adiante a buscalas, teme de as ver passado. A agoa, que naturalmẽte dece, se se acha impedida, por nam se deter sobe, & tanto espera, que o movimento a conduza ao seu fim, q̃ antes que abraçar a quietaçam, q̃ nam he alhea da sua natureza, se move contra a sua natureza.

Ainda q̃ o Cõde não desse a nenhũa pessoa, motivo para offendelo, correo cõ tudo perigo de ser morto, hũa ves por 4. A Besi nos, q̃ o esperavaõ ao entrar de sua caza. E a outra vez por tres homens que seguiãõ sua carroça, em que estava. Sempre foi livre venturosamente, sem  
 B o advir-

que o advirtise.

Raros lograõ a fortuna, sem que se lhe perturbe; porque rarissimos são os Astros, que tenhaõ de todo benevolos os rayos, os mayores, & mais benignos do firmamento, naõ são benignos, sem violencia; donde nasce q̄ nem ainda os mais vêturozos naõ lograõ a felicidade, de sa acompanhada da desgraça, porque naõ ha ventura sem parte de perigo, em hum mundo que naõ logra clemento, que seja puro, que naõ tem coufa que seja sem mistura.

Aquelle naõ sey que de trabalho, q̄ nunca falta, ainda nas mayores fortunas, nasce naquelle naõ sei que de maligno, que sempre, ainda nas maiores estrellas se acha.

Chegou a occasiã para ordenarse a Corte de Phelipe 4.<sup>o</sup> grande, quando se cazou em França, foi o Conde nomeado, para Gentil-homem de sua Camera.

O que tinha o governo da Monarchia

chia, naquelle tempo (com todo o respeito se diga) ou não trarou de perpetuar a privança, ou não conheceo o valor do Conde Duque, cu se enganou em o cõsentir tão immediato ao Principe. Importa pouco, fercarem de contrarios o valor que se acompanha da prudencia; sò a morte como contrario pode destrui-lo: fora maior acerto, auzentalo para hum governo, acreditado, & ordinario de fterro, de vale ozos sem fortuna. Não chega ao Principe o sensivel das acçeões, ainda que grandes: a distancia o deffende chegar, & se acafo chega, chega por meio do privado, parecendo mais de pressa de quem as tras, que de quem as obra.

O valor, he hum rayo, que se senão extingue não se oculta, antes he hum Sol, que sempre resplandece, por mais que o escuro das nuvens, lhe faça opposiçaõ, porque não tem ellas tanto de sombra, como elle goza de luz; ou o

bafo

baço dos Principes, as retira', ou os raios della, as consomem, lò a fim que appareça sereno: porem quando o Sol està distante, quando està fora do nosso Emispherio, não resplandece, & se ainda tẽ algũas reliquias de luz aquelle raso se não conhece por seu, q̃ não ferido direito, chega a alomcar reflexo

*Entrado o Conde no serviço do Principe, conheceo muitos contrarios que o procuravaõ descompor. Milicia he a vida do homẽ sobre a terra, de sorte que quẽ não eõbate, ou não està prevenido para combater, ou não vive, ou mal vive. Os contrarios que fercaõ, se não extinguem, acrescentaõ, & não acabaõ, se não encontraõ com a fraqueza. O calor que he pequeno, para sustentarse, necessita de semelhante que o fomen te, porem o grande, entaõ crece mais, quando o contrario mais o combate. A virtude do Antiparistazi, q̃ aos elementos se contra de, não se pode negar*

aos homens.

Entre outros disfavores, disse hũ dia el Rey ao Conde Duque, que o enfadava; & elle lhe pediu, q̃ quando o quizesse castigar não estivessem os olhos de seus emulos por testemunhas. Foy achado, Agecilao, de hũ Embaixador, entre seus pequenos filhos, cavalgado e hũa cana: pediu lhe q̃ o não contasse, aos q̃ não tinhaõ filhos, por q̃ de amãte, o não iulga se fraco. Veu se o Cõde castigado do Príncipe, pediu lhe q̃o não diga aos q̃ o não amaõ, por não chegarẽ a crer ignorãte, o sofrimẽto affectuoso, & servil a alma afeiçoada.

Naõ procura o Cõde saber a causa, nem com as razoẽs a desculpa, porque o juizo não he o q̃ ama, se não o coração; seus sentimentos saõ os affectos, seus affectos saõ o querer; mas nẽ ainda he se gosto dos amãtes, o desgosto de não ser amados, se a alegria he de amar, mais se alegra, quando mais se ama & etãõ, q̃ chega a ser avreguido mais se ama, se se ama: por ventura tambem

se nao dá credito ao presente, ou ao menos se espera no futuro, & faz esperar aquelle não ser amado, que ainda sirva de merecer. Quem ama, tem por fim o alcançar amor: tem o amar por meo, & entaõ merece mais ser amado, quando tem mais amado.

Quando falo do amor, falo do virtuoso, & não do laçivo: he verdade que são pouco diferentes, ambos tem as raizes na alma: se o venereo se comunica ao corpo, he por accidente, como o Sol deffunde seu lume, fora do seu globo; de outra sorte, as violencias, apagaõ os incendios namorados.

*Conheceo o Conde Duque que as palavras de El Rey, não eraõ ditas: eraõ dictadas: a vos del Rey, o abate, os olhos o levantaõ; nem o deixou sem alivio, nem sem demonstraçoens de amor; cõ que advirtiraõ que errataõ os favorecidos daquelle tempo: procurõ emmendar o desfido, restituindo o Cõ*  
de

de Duque ao serviço, mas elle não quer deixar, pello Sol que vay nascendo, o Sol que vai acabando. He grande ventura achar o Principe desocupado. Tirar o lugar a quem o occupa com a virtude, he difficultoso, tiralo com a sagacidade he crime, & em todo o caso será culpado, o que o procura; o que entra desocupado o coração do Principe, facilmente acha lugar. Não se descobre artificio, que destrua a muralha do Conde Duque: tentaõno no sofrimento com o Principe, soffrendo aumenta os merecimentos. tentaõno tambem com honras, & quando as recuza, acredita os extremos com que ama: & finalmente alcançando os poderosos, que não podem passear sobre as ruinas deste grande, procuraõ sobre levarse, & para subir, lançaõ mão da escada do affecto, mas he trabalho sem fructo, que está muy crecido aquelle muro, para lhe servir de fundamento.

Nesta incõstãcia, durou o Cõde ẽ quãto  
entre os q̃ entãõ governavãõ, nãõ ẽvrou  
a divisãõ Diz hũ Politico, q̃ difficultosa  
mẽte acha no mesmo lugar, o poder, & a  
cõcordia, e o affirmãõ ẽ tẽpo q̃ a se ra. q̃os ẽ  
cõtrou. Nãõ advertio por vẽtura q̃ aque  
les pareciaõ os mais poderosos, q̃ o nãõ  
eraõ, excepto, q̃ eraõ os mais chegados;  
mais chegados do sãgue das veas, mas nãõ  
do sãgue das arterias. Encõtrou tãbẽ hũ  
ves este mesmo Autor, no processo de se  
us escritos, cõdousigualmẽte poderosos,  
& cõcordados, & isto nãõ procedeo da  
moralidade de hũ delles, por q̃ aquelle  
q̃ nãõ sabe moderar o affecto vil das ri  
quezas, nãõ he de crer q̃ moderasse os  
agudissimos estĩmulos da dominaçaõ.  
Nem menos na diversidade das profi  
ções: hũ occupado na politica da pax,  
o outro nas officinas da guerra. O favo  
recido, se a nãõ vq̃r fazer exercitar, a po  
de fazer exercitar, & tẽ lugar de dividir  
os cargos, sãõ dividir a privãça. Te  
nho

nho pera mim q̄ na ce da rezão o serẽ estes, privados de hũ tirano; achavaõ se temerosos do pouco discurso do Principe, que pode ser os não amava, & só mēte os respeita Não hẽ com tudo rezão, q̄ se ẽ sine, seguro modo de governarse com aquelles, q̄ inda, q̄ ulem da razão, não se fervõ della, mais que para ficar peores; que aquelles, que a não tem. Estes temiaõ cahir.

Tremião alternados; o que estava firme, sustentava o vacilãte, & quando hũ cahio, trouxe consigo o outro ao precipício. A privãça limpa, não admite cõpanheiro, que o não faça inimigo, o q̄ o dezeja, parece q̄ nelle procura favor: porq̄ imagina ao Principe barbaro, & se pode cuidar q̄ o acusa de tirano, he verdade q̄ o inhabil do homẽ, para ne goceos grãdes podã buscar cõpanhia, mas não a cõfete a ambição, recorre a de pedécia, & admite o temor, porq̄ aquelle que não tem agrãça do Principe, se pode socorrer nos apertos, nam

naõ pode deffender nos perigos.

Foi Phelipe 3.<sup>a</sup> Portugal, & com elle o Principe; o Conde Duque com esta occasiõ, acodio aos negocios de sua Caza, naõ se deteve muyto, porque importou que tornase á Corte.

Tiberio, teve por taõ perigoso o apartarse do Principe, que aconselhou, que quando se naõ pudesse ja assistir ao corpo, se devia assistir ao cadaver; quiz que se lhe estivesse o mais visinho, ainda na hora que ja naõ era; mas o Conde Duque naõ temeo o apartamẽto, porque o amor que tinha ao Principe se avia convertido em natureza.

Aquelles que dizem, que o habito he semelhãte a natureza, se enganaõ; ella naõ he o retrato, he o original; chama se hũa segunda natureza, naõ porque a naõ seja, senaõ porque a naõ era nace de nòs, senaõ com nosco, em nós

Aquella arte, que se cre imitar a natureza, a imita, antes muytas vezes a produz,

produz, a vence: aquelle amor que está em habito, não recebe dano do appartamento limitado, excita a obrar porque o habito, que he necessario, mette produzido dos actos, não produz necessariamente os actos.

Hu n fugitivo, cujo valor se ve com perfeição ao Principe, não pode sem proveito grande hum pouco retirarle. Hũa pauza que se interponha a todo o coro de hũa musica, se he só, acrescenta o deleite, se he acompanhada o deftroe está o ouvido esperando a armonia, que deve seguirse, & quando logo chega a abraça, mas se muito tarda a deixa: o esperar, que he breve, acrescenta o dezejo, o dezejo augmenta o amor, mas o esperar que se dilata, cansa o dezejo, & poem de parte a afeição, & quem hũa ves o deixa, o não torna a possuir. He o amor hũa especie de eferavidaõ suave, quando se na conhece, & não se conhece, sem o privilegio

vilegió de livre.

Conveniente he fazer, q̄ se conheça o dano de não estar presente, mas não he cōveniência, estartãto tẽpo apattado q̄ se proveja no dano, & etal caso, quãdo ainda se cōservase o nome de proveitoso, se perderia onome de necessario

Quem quer fazer crer, que se elle se não pode obrar, não deve dar tẽpo pera, q̄ se obre. *Enfermo Phelipe 3. de morte, o dia antes que morresse, falou o Conde Duque ao Principe, cõ estas formais palavras. Peço a V. A. de joelhos, me de licença pera partirme a Sevilla, & deixar a Corte, ao menos por aquelle tẽpo, e q̄ V. A. ha de tomar posse de seu Reino, assistido dos Menistros, q̄ de presente o governão: trespõ deo o Principe. A doença de meu pay esta muito avãte, se Deos me quer dar bñ castigo taõ grãde, Cõde de ninguem me hei de fiar no novo, & embaraçado governo mais q̄ de vos, assim mo persuade o vosso affecto, & o confio de vosso valor.*

Morte

Morre El Rey, succede o Principe no Reñ no, o Cõde ficou na posse de sua graça. Hũ Principe por ventura, o mais discreto q̃ tẽ havido, chegado a pũssuir o Impẽrio, fingio, q̃ o naõ queria: o Cõde hũ dos mais prudẽtes privados; q̃ nos seculos ouve, quãdo se lhe offereçe a privãça, mostra, q̃ a recuza: hũ queria penetrar o animo dos Senadores, o outro queria conhecer o coraçãõ do Rey. Este foi o mayor sinal, q̃ pudera dar o Cõde Duq; de moderaçãõ, naõ porq̃ elle mostrase animo de recusar a privãça, mas porq̃ teve juizo, pera discortela.

Como he possivel, q̃ hũ homẽ, q̃ naõ fosse este, vẽdose subido a hũã das mayores fortunas do Mũdo, pudẽsse furtarse as demõstrações da alegria, & entregarse as do discurso. O discurso quer os espiritos quietos, ordenados, & recolhidos, & a alegria, pella traça do vẽto espira no cẽtro do homẽ, mãda os espiritus a circũferẽcia, dilataos: tumbaos,  
& os

& os confunde.

O primeiro Conselho que o Conde Duque deu a S. Magestade, foi que levantasse o desterro a muitos sojeitos de calificação de valor; hum dos quais foi Dom Pedro de Toledo Marquez de Villa-Franca, do Conselho de Estado.

He tão grande a falta, dos que sabē restituir desterrados valerezos, que Agripina sagaz, nos primeiros passos do seu governo, prezumio desterrar grandes culpas, sò com restituir a Seneca, de gradado.

Se ellas desmerecem nelles, merecê as suas qualidades. He mau, quando por occasião de hum homem, se desterrão as virtudes, mas he peor, quando por occasião das virtudes, saõ desterrados os homens. No condenar, algũa cousa se deve permitir, por privilegio ao valor: a justiça, seria injusta, se as suas balanças fizessem igual, hũa libra de ouro, a hũa libra de barro, porque  
igual.

igualmente pezavaõ O Povo tem em grande reverencia ao valor: he verdade que tambem elle o castigou já, mas he fomento quando o temeo. Nas Monarchias em que o Povo não teme, aplaude aquem o levanta, & quando he castigado se lastima, como se se castigasse o valor, & não o erro. Nas Republicas ciozas, & nos Principados pouco seguros, aquelle merece grande castigo, quando obra mal, o qual avia merecido grande premio, quando obrou bem, porque com ninguém corre maior perigo, que com o bom, se chega a ser mau.

A tírania avorrece, & temè aos poderozos; o Povo não lhes quer tanto mal, ainda que os teme, mas nẽ aquella, nem este, os enveja; porque a enveja, nem sobe, nem baixa, fomento a Aristocracia os teme, os avorrece, & os enveja. & quando os não recea, finge, recealos; quer reparar se, com o escudo  
da

da fraqueza, & dá nota da malícia. Cõ os Principes firmes, mais que em qual quer outra parte, seria felicissimo o valor, se onde os Principes naõ fossem tiranos, o naõ fossem talvez os validos, aquelles naõ temẽ perder o dominio sô receaõ faltarlhe a privança, & naõ podem ser tiranos dos vassallos, se primeiro o naõ saõ do senhor, donde succede, que muitas vezes os Principes (ainda, os de recta intençãõ) tiranizaraõ, sem tiranizar, porque estavam tiranizados.

*Devidio o governo da Monarchia, em duas partes, a Dom Pedro de Zuniga, seu rio, deu o pezo das Consultas, & os negocios de Estado, & pera si reservou os da caza, & da pessoa de El Rey. Aquelle que he o mayor no conselho, nem por isso he o mayor na graça. A privança naõ he filha do interesse do Estado, mas do affecto do animo: aquelle, faz aos homens accitos, esta faz aos homẽs amados, para alcança, e primeiro podem os diz*

os discretos escrever documentos; ao segundo não chegam senão os venturosos. Esta distincão, confundio Tacito, via, mas não a entendo, duvida elle se a graça do Príncipe nasce da força do nacer, se mais, dos Cōcelhos da Prudência, & ella nasce de hũa, & outra couza, hũa tẽ toda a parte, naquella graça, q̃ faz amados, a outra tem grande parte naquella graça, que faz acertos.

Que obre tudo o privado gera odio, q̃ se elle se não obre nada, livra doavor recimẽto, & produs o mesmo effeito. Hũ destes actos he impffsivel, o outro hẽ forçoso. O primeiro mobil, move-se assi, & todos os outro. Cẽos o seguem, & ainda q̃ o não seguem, se cõ elle se não movẽ, movence por elle. Eu tenho por sem duvida que em hum Cẽo não ha ja movimento, (ainda que contrario ao primeiro mobil,) que do primeiro mobil, não dependa, & julgo que se elle se detivera, pararaõ todos nem

se me

se me diga que elle não pode ser occasiã de hum movimento contrario ao seu, porque vemos que o homem, com os outros animais, pella virtude que tem do primeiro mobil, se move muitas vezes, contra o primeiro mobil. Quem julgou, ser proprio do Sol o moverse do Oriente, ao Occidête, & que por esta causa não falasse Iosue propriamête (se eu dou meu parecer) impropriamente julgou.

Onde se trata do interesse do Rey, & da Iustia, nem ha parentes, nem amigos, porque o Rey, he o seu mais chegado parente, & o seu mayor amigo, & por esse respeito (ainda que violentamente) pudera socorrer a D. Pedro Giron Duque de Ossuna seu parente, o deixou à justia, & veu a morrer na prizaõ: & podendo livrar a Don. Rodrigo Caldeiraõ, o não livrou, manifestando sò a amizade nos descendentes

O Principe a imitaçaõ do Sol, he

pay

pay de todos os subditos, senão univo-  
co, equivoco; senão como occasiã par-  
ticular, pello universal respeito. mas  
naõ pode elle ser pay, se seus subditos  
naõ forem filhos, & os subditos naõ  
saõ filhos, se o naõ amaõ, mais que a  
pay. A paternidade do homem, tẽ pro-  
fundamente o langue, a do Principe,  
o amor; este hade ser mais grande, aõa  
de he mais forçoso, & ali he mais for-  
çoso, onde constitue, que aonde segue,  
& nem sempre segue.

Quem naõ ama ao Principe mais q̃  
aos outros, merece, que dimitindo o  
paternal affecto de Pay, o Principe se  
torne senhor, pera que elle de filho, ve-  
nha a ser criado. Quem formara hum  
Principado, de sogeitos como este; ma-  
is zelosos do bem do Principe, que  
das proprias comodidades; naõ neces-  
sitara de prohibir o proprio, o meu, &  
o teu, que formaõ o particular, & cor-  
rompem o publico, se no publico, se  
naõ

não transformar ao particular. Conhe-  
 ceo esta necessidade hũ sabio, & na sua  
 Republica, tirou a rezão do sangue, &  
 do conhecimêto pera o possuir. Não  
 pecou ele no conhecer, o erro, se não no  
 remedialo, tirou, a ocasião a vertude,  
 pondo ao homẽ, nas mãos da necessida-  
 de, & quando pera o remedio, devia re-  
 correr a fazer as leis civis, correo a dis-  
 truir as leis naturaes, & quis mais depre-  
 ça, desejar hũa cousa incapas de que-  
 rerse, q̃ pretender. o q̃ julgava impossi-  
 vel de alcançar. Pera emendar erros  
 grãdes se cometẽ quasi sēpre grãdes er-  
 ros, & muitas vezes ainda mayores, tal-  
 ves o não paresẽ, porq̃ se crẽ forçosos  
 & talvez, o não sã, porq̃ sã cõveniẽtes

Os males quãdo sã extremos, pedẽ  
 extremos os remedios, & nũca os ex-  
 tremos sã bõs, se nã por comparaçã  
 dos maes,

*Aos parentes não deu os lugares, se  
 não aos dignos. E ãtes tirou a presidẽcia de*

Castella

Castella, a hũ sugeito bõ (q̃ pello apelido de sua casa lhe seria fiel) & a deu a hũ melhor, q̃ não eraõ dos seus aliados, o qual porfiadamẽte a recuzava, não. querẽdo deixar a suavidade, da quietação a que se retirou.

He grande descuido nos Principes, permitir retirado o merecimento, & hõ inferencia, ou de que se não conhece, ou de q̃ conhecido se desistima, & se o não desterraõ premitẽno no desterro, & o mesmo he mädalo q̃ con sentilo:

Os animaes, quando ätes de noite se retiraõ as suas covas, anũciaõ tẽpestade, os homẽs, a fazẽ, não porq̃ sciaõ cauza do mal (hẽ a virtude hũ Rayo da Divindade, & assi o mal não pode nella ter occasião) mas porque privaõ daquelle bem, que empide o fazer mal.

Naõ hẽ sô culpa nos Principes; o dezejar retirar aos homens de valor, mas hẽ tambem vitupirio nelles, o que terse retirar.

Aquelle q̃ não serve ao seu Prin

seu Príncipe, & o sabe servir, he digno de mayor castigo, que aquelle, que o serve mal, porque o não sabe servir bê; a occasiõ negativa, concorre tanto ao dãno, como a positiva, quando he obrigada a impedirillo; antes a obrigaçãõ tẽ força, pera fazer que fique, o negativo, positivo. O retirar, he somente concedido por premio, aquem tem obrado; quem se retira antes de obrar, quer o premio, antes de o merecer, mas enganase muyto, porque o que vem a ser estimado, por grandissimo premio dos homens, que largamente obrataõ, he depois pena grandissima, para os que nunca chegaraõ a obrar. A quietaçãõ, que se segue ao movimento, he descãso do mobil, aquella que antecede o movimento, he fraqueza do que a move. Quem sempre está em movimento, estou por dizer, que não tem corpo: quem sempre está quieto, estou por dizer que não tem alma, Ha hum com.

combate no homem, entre a alma, & o corpo: o corpo que de sua natureza he immobil, não quizera moverse: a alma que he o principio do movimento, o quizera mover, & a fim de persuadi-lo, o assegura venturoso, & elle persuadido, tal vez, vem a consentir, mas depois que a alma, com o corpo, se conduzio, até aonde se pode conduzir, não encontrando com a felicidade, nem esperando já de a achar no movimento (por ventura tambem persuadida do corpo de que se achará no repouzo) se deixa conduzir enganada ao descanso, & corre a elle voluntariamente, ou com a desesperação, ou com o d'zengano.

He erro ter pena si, q se pode descãçar & viver. He falso ser a quietação premio, & he sempre pena mais leve, a quem té muyto trabalhado. Não se dá no Mundo. o poder estar com socego; caminha a ser nescio, quem a buscar o

camínha, & chëgou a ser necio, quem imaginou, q̃ o tinha alcançado, pode muyto bẽ hum homem repouzar mas não aquietar, antes as vezes, esta mais inquieto, quando cuida, que mais repouza.

*Achou o Conde Duque pouco limpo, o serviço de El Rey nos Menistros. & não se pondendo remedear o passado, se deu ordem a segurar o futuro, & foy o melhor remedio, o exemplo de sua limpeza, reconhida & admirada ainda dos que o não amavaõ.*

O ouro cimbota os fios a espada, & faz inclinar a balanca da justiça, quem a vende, vende tambẽ ao Principe, quando acha quem o compre, se he q̃ o não tinha vendido, quando a vendeo. O ouro que ao chumbo não esta firme, era falço, & enganava; o homem, que não he firme ao ouro, engana.

Alguns Principes, deraõ com largueza a alguns Menistros, porque se não vendesem

Vende-se, & porq̃ os não vendesẽ, por  
 rem a fome q̃ não he natural, que pro-  
 cede de achaque; não se satisfaz: esta  
 não estã no homem, estã no ouro, &  
 quem acrescenta o corpo d'elle, lhe a-  
 acrescenta a fome. Não ha nisto outro  
 remedio, que fazerlhe perder o amor,  
 & não se lhe faz perder se o mesmo  
 privado não he o primeiro em perde-  
 lo. A força do exemplo, he mayor que  
 a força da Ley, porque não tem força:  
 a Ley obra com violencia, o exemplo  
 com amor, este tira o dezejo, & pro-  
 duz o affecto; aquella sem tirar o deze-  
 jo, gera o temor. Se o privado não ven-  
 de, segura estã a justiça. A mayor parte  
 daquelles que ajuntãõ dinheiro, o ajũ-  
 taõ para compralo.

*Não tem o Conde Duque valido, nem  
 sabe que cousa he a amizade, ou parãtes-  
 co, quando se trata do serviço do Principe.  
 Seus criados não valem para rogar, não  
 se extremetem a negocios, nem se en-  
 riquecem*

riquecem com negociaçoens . Simão, ain-  
da que muyto tempo se viu nas entra-  
das do falar, não chegou a mais (co-  
mo o de Luciano) a acrecetar seu no-  
me de Simão, no de Semoniades. Por  
que soube, que hum seu criado, encomen-  
dou certo sogeito a alguns Ministros, des-  
terrou ao que o encomendava, privando  
ao encomendado, do que ja tinha vencido,

O Principe que ama a hum sogeito  
dalhe o principado; aquelle sogeito, q̄  
paga a affectaçõ de seu senhor, lho resti-  
tue, mas aquelle que tẽ diverso amor  
lho rouba; he rebelde, faz Principe a  
quem ama, se não dos outros, de si, he  
ingrato, ainda, que fosse util, por mais  
que fosse fiel & ainda, que fosse aman-  
te. Esta hé a obrigaõ do subdito, mas  
do favorecido, q̄ he amado mais, que  
os outros, pede que ame mais que os ou-  
tros;

Seria facil aos privados, reformar o  
Paço,

Paço, senão fora difficil, ordenar sua  
caza, porque o Paço se não reforma,  
se esta primeiro se não ordena. Todas  
as linhas do privado, ainda aquellas,  
que de sua caza sahem, ande ter hum  
só centro, que he o Paço do Principe.  
O que levanta às dignidades, às gran-  
dezas, às hõrras, a seus parentes, a seus  
amigos, & a seus criados, forma centro  
em sua caza, & faz que o Paço do Rey  
lhe fique circunferencia. He regra de  
validos, levantar criados, amigos, & pa-  
rentes, para terem muytos arrimos, q̃  
o sustêrem, mas pode não ser boa regra  
& o não tenho por bom argumento  
porque he muy vacilante a privança,  
que sobre o proprio valor se nao asegu-  
ra. Hum muto, que tem seguitos os ali-  
cerces, sustentasse de si mesmo, & não  
necessita de escoras, senão recea tui-  
nas; & estes são traves, que antes arrui-  
nãõ a privança, que a sustentaõ, porq̃  
não se encoستاõ, que não abalem.

O caçador em vaõ se cançaria em fazer cahir o elefante, se elle naõ se arrimara, elle se encosta para sustentarse & muytas vezes caè, porq̃ se encostou. Os favorecidos do privado, naõ o sustentão, elle he o que os sustenta, & talvez se arrimaõ tâto, que o arruinaõ. O Privado, medita como deve guardar-se de naõ offender ao Príncipe, naõ tem quem com elle o defenda: os que favorece, custumaõ ser arrevidos: naõ duvidaõ perder aquella privança que naõ tem, & esperaõ ser amparados, do favor que tem; donde acontece que muytas vezes o Príncipe enfadado, se resolva a destruilos, & achando entre si, & elles, ao privado, sepultandoos, os sepulta.

*Achando o Conde Duque que o excesso no viver arruinava Espanha, introduzio a prematica, com a Ley, & mais cõ o exemplo do Monarcha, & da Corte, cazo contado por admiravel, no tempo de Vespasia*

no, & como tal encarecido por Autores de nome,

Foy proposta a prematica a Tibério, porem elle removeo o fundamento: mostrou furor, ou o fingio, para encobrir grande çagacidade; fez crer que a julgava odioza, & era hum Principe que de todos foi tido por tirano: quem sabe que a não julgase danoza, & que se valesse dos defeitos do impossivel, para encobrir os defeitos da ventade? As Leys deste, sempre se julgaõ laços para o castigo, não avizos para o remedio. Os tiranos tem por fim o empobrecer, & custumaõ antes dar materia para consumir patrimonios, que dar regras para conservar riquezas. Pode ser que Tacito não tocou a minha rezão porque a não julgou boa, & certo não será boa. O dinheiro que se ajunta pode fazer amigos, dos particulares, por meyo das dadivas, porque a bolça dos privados, não pode formar

formar exercitos, mas o que se dispen  
de, pode grangear aplauzos.

O Povo dezeja ver cousas magnifi  
cas; conhece por natureza que a virtu  
de da magnanimidade, consiste em fa  
zer cousas grandes: se tem fechados os  
olhos, não he cego, quando não ve o  
Sol, como elle he, ve aonde está. Enga  
naõ se mais vezes os Príncipes, que o  
Povo em aplaudir as riquezas: aquel  
le tal vez hontra mais a quem as puf  
sue, o Príncipe somente a quem as dis  
pende, & não tem pensamento de rou  
bar, o que se acumula. O Povo, q não  
he a escoria do Povo, não he tão igno  
rante como se prezume: & se acazo he  
menos advertido, que os Príncipes, me  
nos discreto, que os Nobres, tem tam  
bem menos temor que huns, & menor  
enveja que os outros. Não abate a vir  
tude com o ferro, não a descompoem  
com a malignidade, & sempre que ella  
he grande a conhece, a reverencia, & a  
estima

estima: donde o tirano, deve temer mais o dinheiro que se distribue, que o dinheiro, que se junta, porque he cousa mais facil, que os Cidadãos lhe tirem o estado com o aplauzo, que com os exercitos.

Morreo Dom Balthazar de Zuñiga, & o Conde Duque, por não por sobre seus ombros toda a maquina dos negocios, fez que el Rey instituísse hũa junta de tres Ministros de inteiriza, que forão Dom Agostinho Messia, o Marquez de Monte Claros, & Dom Fernando Giron, os quaes aviaõ de propor todos os negoccos, para q̃ sua Magestade elegesse, conforme visse, & se praticasse: ao que o persuadio, com hum papel singularmente escrito, & de si interessado, como o dictaria a privança, enriquecido de doutrina, de eloquencia, & de amor: representando a S. Magestade, o officio de hum perfeito Rey.

Este, & outros papeis, que dictou a sua discriçaõ, para persuadir este negocio

cio, pudêraõ ennobrecer esta historia, & ficaria mais claro, o infinito valor do Conde Duque, mas naõ os relatei neste livro, porque avendo eu (chamo a Deos por testemunha) escrito sem consentimento do Conde Duque, naõ me pareceo conveniẽte, expolos a luz dos olhos, naõ tendo licença de quem os escreveo. Deleitame com tudo o creer que pudera elle ter gosto que outra pena melhor que a minha os manifeste ao Mundo, por naõ reubar-se à gloria, de aver sido o primeiro que ensinou aos privados, como devem servir aos Principes, & q̃ doutrinou aos Principes, como devem reger aos Povos.

Quem escreveo pello modo que o Conde Duque escreveo, mostra a seu senhor que he hum grande foyeito, & que he hum fiel privado. A parrarse o Principe dos negoceos, pode ser costume digno de louvor, mas sempre será motivo de mormuraçãõ. Sea prudẽcia  
he

he a q̄ aprodus, he mao argumento n<sup>o</sup> Príncipe, se he a sagacidade, he grande crime no Privado, porque sempre declara, ou com grande culpa o valido, ou o Príncipe sem muyto talento.

Ouve quem julgou por maxima irrevogavel de validos, o ter apartado ao Príncipe de todos os negoccos, mas por ventura, q̄ assi julgaraõ se devia fazer, porq̄ acharaõ, que assi se tinha feito. Querem que hum fõ retrato, sirva pera toda hũa especie, em hum Mũdo em q̄ a natureza naõ fez original algum, que naõ fosse differente. Dar justissimos precceitos, a quem ja mais foi justissimo, em ocaziaõ, que mais se aja desviado do justo, he o seguro caminho pera precipitalo, naõ esta capas de golpe profũdo senão de moderado, importa, q̄ primeiro se sare, para q̄ depois se apreseioe. Naõ hã duvida, q̄ hũ privado que ao Príncipe naõ serve, como çovẽ se p<sup>ro</sup>. q̄ emende o modo com

D

que obra

obra, deixa, ou quer, que obre o Príncipe, se precipita. Dizia aquelle bom velho Chio, que o medico, que topa cõ huma destemperança achacosa: não deve com o primeiro remedio: procurar, reduzila, aquelle estado em que de vera estar, senão aquelle estado em que primeiro estava, porque deste podera passar ao outro: A natureza, que ajuda a despedir huma destemperança, peor, que a sua, reziste ao intrudizirse outra melhor, que a sua. Podesse crer a cazo, que isto quizesse infirir aquelle Mestre, que dezejou o tirano, meo bõ não pera, que aquí se ditivesse, mas por que julgou que se compressa o quizesse reduzir a Príncipe perfeito, se lhe o casionaria a ruina.

Os exêplos deste sabão privado, não servem para os sagazes. O mantimento dos sãos, he perniciosissimo aos doentes. Tratandosse, que pella necessidade do estado, se puzecem alguns, tribu-  
tos

tos, & sabendo o Conde Duque, que o Povo se lastimava, de que se desse a outrem, o que elle contrebuya; escreveu a El Rey o grãde erro, q̃ cometē os Príncipes, em pedir, pera dar, que não falta vaõ a Sua Magestade habitos, grandezas, cargos, & dignidades, com que satis fazer os merecimentos dos valerosos, sem desgostar os Vassallos, & sem empobrecer os thezouros. Este Conselho foy occasiã; que começase El Rey a remunerar, os meritos, com as honras.

Naõ saõ as riquezas, satisfacão do valor, saõ paga do trabalho: o que compra o valor, o faz vil, o que o vende ja he vil. A acção do valor, produz o premio, porque produz a honra, & o que a tem, naõ pode pertender mais, que hũ final de q̃ a logra: desta qualidade sãõ as grandezas, os titulos, as ordens & os habitos. Desta qualidade erãõ as Coroas civicas, os colares, & os triumphos dos antigos. Semelhantes premios, se

é effeito acréscetaõ a hõra, naõ a produ-  
 zê, âtes perdê aq tẽ, quãdo se daõ aque-  
 les, q a não tem. Ouve tẽpo, em q o pre-  
 miar, naõ diminuya os erarios, & eraõ  
 entãõ mais os valerosos, porq eraõ etãõ  
 mayores os premios, quando pareciao  
 menos os premios. Era etãõ grãde pre-  
 ço, a hõra; & era sô premio a vertude,  
 mas quãdo o q era preço, começou a  
 dar ê preço, perdeu a virtude, o preço,  
 & fez tãbẽ perder o animo, com que a  
 honra, & valor se trocaraõ em merce-  
 narios, & os homẽs tratãõ antes das ri-  
 quezas, cõ q os cõpraraõ, q das qualida-  
 des cõ q se alcançaõ. Principio de taõ  
 grãde erro, & de tãta cõfusãõ, forãõ a-  
 quelles Principes q necessitados de di-  
 nheiro hõrarãõ mais os ricos, q aos vale-  
 rosos; porẽ esses Principes, não necessi-  
 tariãõ de riquezas, se cõ tirar a reputa-  
 çãõ ao valor, as não vierãõ a fazer for-  
 çofas Os Espartanos, viverãõ hũ tẽpo  
 sê ouro, & os primeiros Romanos, se o  
 tiverãõ, não lhederaõ pezo, q os inclina

se. Os estados muitas vezes vierão a ser grãdes, sê d<sup>ro</sup>. porê naõ sê valor, & naõ he interesse dos Principes sustêtar o valor sê crédito. Elles naõ são sêpre os mais valerosos, & sêpre são os mais ricos, tẽ lhe dado reputaçãõ aquillo, q̃ sêpre tẽ por a segurar se do q̃ tal vez naõ tem.

Veio a Espanha o Principe de Cales, p<sup>a</sup>, alcançar por esposa, a Infãta Maria, & por outros interesses do Palatino seu cunhado O Cõde Duq<sup>e</sup>, esteve sêpre firme neste parecer. Que quãdo El Rey de Inglaterra, cõcede e favor da Religiaõ Cathol. em seu Reyno tudo aquillo, sê o q̃ este matrim<sup>o</sup> naõ podia ter effeito, a Mag<sup>de</sup>. Catholica lhe cõcedee, tudo, o q̃ elle pedia de cõveniẽcia de estado, & nũca se apartou deste Christiãissimo voto, ainda, q̃ bẽ conhecesse (naõ acordãdo o Ingres como e vidẽtemẽte se declarava, de o naõ aver de acordar) o adjiũto q̃ fazia, de hũ Rey naõ poderoso, aos enemigos da casa de Austria, & por mais q̃ previse guerras, q̃ sêpre carregãõ cõ maior peso sobre os

validos, porque lhe tirão a conveniencia de gozar, o descanso do possuir, & o opprimem com trabalhos, cuidados, & necessidades, que sempre trazem consigo.

Que fosse este conselho do Conde Duque, & que o conselho, & o Conde, se jão dignos de grandelouvor não necessita, que a minha pena o encareça: eu a ponho reverêtem-te, & humillissimo aos pés do Papa Urbano nosso senhor: & julgo poder entrar seguro no caminho dos louvores do Conde Duque, alomeado desta grande luz, que em muytas cousas não pode errar, & q̄ naquellas que pode errar, não sabe errar: donde quiz fazer participar aos outros deste rayo, para dar valor a luz daquelles q̄ vem para alomear, àquelles, que não vem, & para confundir àquelles, que não querem ver; assi que escreveo a Santidade de nosso senhor, hum Breve ao Conde Duque, que no nosso vulgar he o que se segue.

AO AMADO FILHO, E  
nobre Barão o Conde de  
Olivares,

VRBANO PAPA VIII.

**B** *Araõ nobre, & amado fi-  
lho, saude, & benção Apo-  
stolica. A vox commua da  
Monarchia de Espanha,  
dà tal aplauzo aos conselhos de vossa  
nobreza, que serve de authoridade a  
vossa pessoa, a que aquella de felicida-  
de: porque os louvores do Conde Du-  
que de Olivares, não os cala a Fama  
mensageira da verdade, que divulgando  
vossas virtudes, enche a Europa, &  
consola a Romana Igreja.*

Nos certo do tempo atras, tinhamos  
 avido noticia de vossa nobreza, & cõ  
 deficuldade poderemos explicar, com  
 quanta alegria de animo, ouvemos en-  
 tendido agora do amado filho Fr. Za-  
 charias, capuchinho quanto mais esti-  
 meis o bom nome q̃ as grandes rique-  
 zas, crendo, que o affecto da propaga-  
 ção da Fé, seja a fortificação da potê-  
 cia de Espanha, & a mayor honra de  
 El Rey Catholico, & assi diz, que os  
 Conselhos do vosso bom zelo; são tais,  
 que asegurão a vossa casa o patroci-  
 nio do Ceo; & a El Rey de Espanha  
 perpetua felicidade, porque he publico  
 que tendes, dado tão grande exem-  
 plo de piedade Christam, no negocio do  
 Matrimonio de Ingalaterra, que pode-  
 rão aprender de vos os Principes Es-  
 trãgeiros, a grãde virtude com q̃ a Re

lêgião Catholica honra seus filhos aos  
quaes dá mayor cuidado, a gloria do  
nome de Deos, que o augmento do poder  
humano. Estes louvores confirmados  
com o testemunho de hum tão bom sa-  
cerdote, derão tão grande consolação  
aos cuidados de nossa dignidade, que  
quizeamos notificar volo com letras A-  
postolicas. Proseguí nobre Barão, &  
trabalhai, pera q̃ as naçoens do Impe-  
rio Espanhol, reconhecão inseparave-  
is, a saude publica, a jurisdicção Eccle-  
siastica, & a authoridade de vossa no-  
breza, a qual damos a Apostolica ben-  
ção. Roma em S. Pedro debaixo do a-  
nel do Pescador, aos vinte, & sete de  
Abril do Anno de mil, & seiscentos,  
& vinte, & quatro primeiro de  
nosso Pontificado. Ioão Champoli  
Par-

Partio o Principe de Calles, & chēgando mal satisfeito a Inglaterra, se unio com os outros emulos, & enemigos de El Rey, na liga, de Avinhaõ, os Capitulos da qual fora õ, que os Olãdezes, invadissem o Brazil, que o exercito de França, em companhia do Duque de Saboya, afaltasse o Genovesado, q̃ El Rey de Inglaterra, eõ armada maritima, acomereffe a Cadis, que El Rey de Dinamarca, cõ o sequito dos Protetantes, turbasse o Imperio, que Venesa assistise com dinheiro ao Duque de Saboya, & com monçoens, & diaheito, aos Guirçoens, pera que entrasem a Valtollina, que se procurase paz, ètre o Turco, & o Perça, afim de que ètraffe pella Vngria, & Betlem Gabor, pella Transilvania, que os Olandezes, porvessem de artilharia, & munçoões, aos Moitos de Africa para que fercasem a Mamora, & Alarache. Toda esta tempesta de foy dissipada, primeiramente do

do poder de Deos, depois pella prudēcia de ElRey Catholico, & ultimamēmente pellos conselhos, & prudencia do Conde Duque. Socorreu-se o Brasil, com armada maritima, que recuperou o posto, que os Olandezes aviaõ ja occupado, na Bahía de todos os Santos. A Genova, & a Valtollina, deraõ socorro dous exercitos, hum livrou aquella, vizinha ja ao ultimo suspiro, & o outro sustentou nesta, a Religiaõ Catholica. Os Ingreses se esperaraõ, com aparato de Guerra muy belicoso, & depois, q os Guaditanos lhe mataraõ cinco mil homens, se tornaraõ a Inglaterra, desmayados, & affigidos. Os Olandezes perderaõ Bredá, ElRey de Dinamarca, foy vencido em batalha, & ouvera de ficar sepultado em hum tofso. Os Africanos,, se rebateraõ da Mamora, & de Larache, com perda concideravel, depois dos quaes successos, se acordou a paz de Monçaõ, na qual ganhou a Igre

a Igreja grande authoridade, El Rey Catholico grande aplauzo, & o Conde Duque muyta reputação.

As ligas, quando aproveitão: rompem o ciume, quando danam, rompem o temor, porem ellas raras vezes vencem, senão vencê em hũ instante; as suas forças, são largass, não são cóptidas, porq̃ as mais, das vezes são compostas de potencias ordinárias, & as guerras esgotaõ muy de preça os thezouros, dos que não sam Monarchias.

A liga he hum corpo de facil corrupção, muitas vezes se resolve, até a materia prima, & esta dezãparada, fica hũa simples potencia. Muitas sciencias, & muitas artes, tẽ o mesmo obiecto, mas não considerado debaixo da mesma razão, & ainda que se concordem no moverse, em ordem a elle, não se concordão no obrar. O alfayate, atende ao mesmo corpo, que o medico, mas o alfayate, em o viltindo, o deixa, porq̃ os  
cuida

cuidados tẽ no vistir límite: o Medico  
cõ o mesmo corpo se occupa, & depois  
de curado se aparta, porque nem sem-  
pre necessita de cura. A contẽplaçãõ  
do Philosopho; ou do Físico, sempre  
a respeito do homẽ he fixa, porq̃ o ho-  
mem he sempre sujeito mobil. O mes-  
mo acontece nas ligas, todas nellas tẽ  
por objecto, hũa mesma põtencia eni-  
miga, mas cõ diverso modo, algũs por-  
que della recebem dano, algũs, porque  
a temem, & outros, porque a enve-  
jaõ.

Os primeiros, restaurados nos danos  
se partem, porque o poder, naõ he sem-  
pre danozo. Os segundos, alegurados  
do temor, se quiçtãõ, porque nem sem-  
pre a põtencia hẽ espantosa, em fim  
que não ficãõ, senãõ os ultimos, que sãõ  
pre a envejam, porque ella sem-  
pre tem que envejar se.

Quis El Rey fazer grandes merces  
ao Cõde Duq̃, & dar licença pera man-  
dar da

da nova Espanha, hũa nao de mercan-  
 cias, a China, negocco, q̄ lhe prometia  
 grandes utilidades, pore[m] ficaria ser-  
 vindo, de grave danõ, aos Povos da no-  
 va Espanha, por este respeito, a naõ  
 aceitou o Conde Duque, & por naõ  
 quebrar a ley que tinha feito.

Eu concebo por taõ interessada, &  
 por taõ forçoza esta acção, que naõ  
 me persuadira a louvala, se a ignoran-  
 cia de muitos, que a naõ chegaraõ a  
 conhecer, a naõ tiveraõ feito admira-  
 vel. He ella hũa acção taõ vil, que o q̄  
 se naõ move a seguila por prudencia,  
 se devia, deixar levar da çagacidade. A  
 ceitar riquezas, que recebidas produ-  
 zem vituperio, & recuzadas daõ gloria  
 ou he argumento de ambição, ou de ig-  
 norancia. Os homens do mundo, que  
 naõ saõ desta sorte, todos se encami-  
 nhaõ ao temp o da gloria, mas he taõ  
 declive a estrada, que se hade buscar,  
 difficilmente o caminho: qual recorre  
 ao

ao do valor, qual ad das riquezas: don-  
de nace, que assim como se deve com-  
padecer daquelles, que dezejaõ possui-  
las, pera se fazerem afamados, assi se  
devem vituperar os outros, que as bus-  
caõ, para ficarem ignominiosos.

O Conde Duque recebe os ordena dos  
dos officios, que exercita, porq̃ não aplan-  
de o austero dos conceitos daquelles mora-  
es, que abominãõ as riquezas. A virtude  
(da moral falso) não cõsiste em ser po-  
bre, consiste em se fazer pobre. Aquel-  
le q̃ dispêdeo o dinheiro, não o adora,  
despreza Quem não quer riquezas,  
he pobre, mas he inutil, he necessitado  
mas he cruel. Aquelle que as lançou  
no mar ficou hum pobre vão, & hum  
necio envejoso Quem possue as rique-  
zas, & louvavelmente as dispende, he  
hum rico magnanimo, & he hum libe-  
ral sabio. O desprezo das riquezas he  
grande virtude, assi o confesso. mas he  
mayor naquelle, que tendoas as distri-  
bue

bue, que a quelle, que tendoas as lan-  
lança fora: estes não as disistimam, an-  
tes, ou as temem, ou as envejam, em  
hum se mostra a grandeza do animo  
no outro, ou a baxeza, ou a vahidade.  
Risca do catalogo das virtudes, parte  
do Magnanimo, & do liberal, quem ris-  
ca, as riquezas do peito do sabio, fugir  
aos meynos, que alcançam, a virtude, he  
fugir da virtude.

○ Aquelle Moral, que vituperou tan-  
to as riquezas, teve depois tantas, que  
o afrontaram, & quando elle outras ve-  
zes era costumado a contradizer seus  
effeitos: com seus ditos, neste caso con-  
tradiu seus ditos com seus effeitos, &  
nos deu a conhecer, que desprezava as  
riquezas, porque as não tinha, & que  
fò se devem desprezar, quando se po-  
dem temer.

*Vendo o Conde Duque, o vagar com q̃  
se resolviaõ os Conselhos dos Tribunaes  
pello largo tempo, que gastava nas dispu-  
tas,*

tas, das precedencias, tirou de todos os Tribunaes hum sugerto, formando hũ Conselho, com o qual se pudesse prover nas dificuldades, de que se seguiu increhivel conveniencia aos Estados. Os Generaes nos exerciros, de todas as companhias escolhem qualquer soldado, para formarem hum escoadraõ, & o chamão volante, porque voê aonde importa, & quando importa.

A natureza ( se eu não erro) atodas as partes do homem, deu seus espiritus, pera, que possaõ obrar, mas depois tirando de cada parte qualquer espiritu, forma delles hum globo, donde com presteza acode as necessidades, & ainda se entremetem nos officios das outras partes. Estes espiritus saõ aquelles, que no temor, socorrem o coraçãõ, que no pejo saem ao rosto, que ajudaõ os espiritus vitales, & que socorrem aos piritus animaes, & que

se tirem estes de cada hũa das partes se conhece certo, quando se observa, q̃ nas vehementes operaçoens destes espiritos, em hum lugar, ficaõ as mais partes enfraquecidas.

Merece grande louvor, quem dá a solidade ao negocio, dilata nossa vida, quem o faz breve. O homem, dentro d'isto, acha ainda lacivia. He o dilatado dos negocios, as ceremonias, os embaraços das precedencias, & tantos outros accidentes, que inutilmente o sercaõ, que necessitava mais o negocio de prematica, que os aparatos, & os vistidos: porque he mais precioso o tempo que se perde, que o dinheiro que se gasta. Queixasse o homem de ser a vida breve, & obra sempre como se fora larga: lamentasse do ocio, & faz que o que devia de ser occupação, se continue ociosidade: nella se consume a vida, & toda esta, he hum sobejo da vida: chamamola curta, & he dilatada, & aquel

la mais, que he ociosa, q̄ aquellaq̄ se exercita. Tem hum homem por natureza o queixarse, & quando nascendo devia estar agardecido, entra logo queixoso: chegado ao uzo da rezaõ, chama ao viver trabalho; crecido nos annos, não se lembrando que tem chamado a vida trabalhosa, suspira pella vida dilatada: ella he muyto comprida porque he hum caminno, que vay da terra ao Ceo. Mais breve a dezejava, o que a pretendia fenecida, pera estar com Christo, a aquelles há de parecer breve, que errando o caminno acertaõ com o porto do Inferno

He o Conde Duque valia para El Rey, em favor de bons Menistros, se a gũ chega ao termo de velho, & não pol de servir, o remunera como se servira assi o fez com Dom Francisco de Contreras, Presidente de Castella, & com outros muitos. Aquelles Menistros, que servem por interesse, devẽ ser pre-

miados por interesse, & q̄ com elles a  
 cabe o premio, quando acabou o serviço  
 porq̄ éráo fas termo, a utilidade do Pri  
 cipe, quando termina a obra do intere  
 ceiro, mas aquele Menistro, q̄ serve por  
 amor, nunca, o premio nelle, deve tene  
 cer, porq̄ se elle acaba de servir, não a  
 caba de amar. Não há remuneraçãõ,  
 mais grande, nem mais pequena, q̄ ados  
 annos decrepitos de hũ Menistro! ferte  
 lica a Corte de servidores, sem consu  
 mir os thezouros. Poucos chegãõ a  
 tanta idade, & poucos duraõ nella. To  
 dos dezejaõ viver muyto, porque assi  
 como o temer, faz recear, que pos  
 sa acontecer, tudo o que não he pos  
 sivel, assi o dezejo faz, que se espere, tu  
 do o que pode ser.

*Tinha o Conde hũa sã filha, & porque e  
 ra, sã, julgou convenienciã, que o seu caza  
 mento se fizesse, na linha do parentesco;  
 & pera este dezejo, propos quatro sujei  
 tos a El Rey, pera q̄ delles escolhesse hũ Pru  
 dentiſſi*

dentíssima foi a resposta del Rey, digna da eminencia de seu entendimento. *Ser me à mais agradavel, o que a vòs vos for, mais conveniente. O cuidado do eleger, seja vosso, & meu será o gosto, de acrecentalo.*

A Astrologia, em todas as partes he falsa, podem nos matrimonios, falsíssima, porque os homens, não se cazaõ, nem os cazaõ, por sua inclinação, senão pello seu interesse. Por este respeito se mudaõ os temperamentos, na caza, porque a inclinação, não he a que caza. Todos os matrimonios, se effeítuaõ, pella vontade, mas não por aquella vontade, que foi feita com nosco, senão por aquela vontade, que nós fazemos. As inclinaçoens que dizem ordem aos costumes, nem sempre se devem seguir, raras vezes se acha temperamento exquisito, se este não he bom, não podem ser boas as as inclinaçoens, mas as inclina-

çoens em ordem ao gerar, se podem seguir com mayor segurança, porque o temperamento, ordinariamente apetece, ou aquelle semelhante, que o cõferua, ou aquelle contrario, que o emmenda.

Não restringira o Conde Duque a sua eleição, ou menos a não devia restringir a hũ fugeito da sua descendencia, se nella não achava hum tam bom que por ventura no Reyno, se não podesse achar outro melhor, & foi o Marquez de Toçal.

Se me fora licito; escrever algũs dos preceitos, que o Conde Duque deu a este Marquez, quando o elegeo por gẽro, seguro estou, que os Vassallos grandes dos Principes, aprenderiaõ mais delles, o modo de se governar, que de quantos livros escrevi. Mereceu este fugeito a filha do Conde Duque, & se recebeu com ella com grande alegria de todos, porem em breve se conyerteo  
em

em dor, porque depois de aver parido  
humã filha morta morreo tambem a  
may.

Os Philosophos julgaraõ por natu-  
ral instinto o da geraçaõ. Dizem que  
por naõ poder o homem, eternizar-se  
no individuo, gera os filhos, por eterni-  
zar-se na especie, porem enganaõse, q̃  
o homem, por este caminho, eterniza  
a outrem, mas naõ se eterniza assi, por  
ventura dezeja os filhos, mais de pressa  
ou por consolaçaõ, ou por amor. A na-  
tureza, por eternizarnos, naõ quer que  
busquemos de outra parte os filhos, q̃  
daquella alma, que Deos fez eterna,  
mas ou se dezejê, pera eternizar-se, ou  
se dezejê pera querer-se, naõ saõ apete-  
cidos do Conde Duque, pois se occupa  
em hum Rey taõ grande que ama; &  
tem hum entendimento taõ sub'ime  
que o eterniza

*Ficou o Conde Duque sem esperança  
de successor, privado assi de filhos. Aquel*

le dezejo de gerar, que parece pera be-  
 neficio do Mundo, não devia estar fe-  
 não nos bons, porque se senam  
 achara nos indignos, não foraõ taõ grã-  
 des as Cidades, & pode ser que foraõ  
 melhores. Os Etnicos, que fizeraõ leys  
 & se não moviaõ dos respeito da Reli-  
 giaõ, elles me admiraraõ, q̄ nesta parte  
 deixasẽ de prover, senaõ fora a impos-  
 sibilidade, de estorvar este inconveniẽ-  
 te, sem encorrerem em outros mayo-  
 res. He descuido, o ceter, q̄ se abstivessẽ  
 de o remediar, por deixarem crecido o  
 numero das Cidades. A qualidade dos  
 fugeiros, não a quantidade dos Vassal-  
 los, he a que faz grãdes as Republicas.  
 Para lametar he, a condiçaõ do Mũdo,  
 pois a natureza, como se fosse, ava-  
 renta, ou envejeza, primeiro produs  
 aquellas plantas, que saõ mais inu-  
 tis, & das mais importantes, he ma-  
 is vezes, madrastra, que may. Ti-  
 vejamos

vêramos razão de queixarnos della se ella não tivera motivo de queixarse de nos. O peccado que inficionou a geraçãõ dos homens, foy a que inficionou tambem a terra.

*Morta a filha, acabaraõ no Conde Duque os cuidados, se os tinha de acrescentar sua caza, & todo se reduzio ao serviço de Deos, & del Rey. O Conde Duque me perdoe, o imaginar, que não chegou a idéa de perfeito privado, até que a filha não espirou: quem tem filhos, amaos, & quem os ama, trata de acrescentalos, & o que ama, & procura acrescentar sua caza, não satisfaz as obrigaçoens de valido. O amor, que ao Príncipe se deve, consta de todos os affectos bons: he hum esplendor, & formaõno infinitas luzes. Neste concorre o affecto, da brandura, q a os filhos se deve, a reverência, q se deve ao*

pay

pay o extremo do coração com que se ama ao amigo, a natureza com que cada hum se quer, & quem tem outro amigo, outro filho, outro pay, & não está todo transformado em seu senhor, não he digno de ser objecto da sua vontade. Quem fosse o Conde Duque, se cenhicco na doença, que El Rey teve no principio de Agosto de 1627. porq̃ fez tudo o que podia obrar hum Vassallo, porque vivesse o seu Principe, & o fez obrar tudo quãdo a hũ Rey Christão, he conveniente pera morrer, pera se acazo morresse, & advertido dos amigos, que assegurasse o lugar, colerico os descompos.

A priuança do Conde Duque, he impossivel morrer, se o seu Rey não morre, & certo, que não pode dezejar que ella viva, se elle não vive. Como se avia de privar daquelle affecto, de q̃ he obrigado a hum Principe, que tanto o amava. O não seria verdadeiro  
o priva

o privado ou o não teria sido. Por esta causa, se chama ao favorecido, privado, porque ha de estar privado, da propria vontade, de todos seus affectos, de todas suas payxoës, & trasformado no serviço de Deos, & de seu senhor. Os que cuidaõ no futuro, não amaõ ao Principe, amão se assi mesmos, ou não tem por fim, o serviço do Principe, ou tratão mais do fim, quando trataõ do que pode acontecer, depois, q̃ o Principe acabar; estou certo que se morre-  
ra ElRey: morria tambem o Conde Duque se não no Mundo, ao Mundo.

*Vendo o Conde Duque, que queria Deos nelle formar hum Menistro, sem affecto, somente destinado ao serviço de ElRey, com todo o animo abraçou o cuidado devidindo no seu entendimẽto, a Machina de toda a Monarchia, na qual occupava dezaseis horas do dia, rezervando se oito, pera as dividas de natureza.*

O corpo do homem, consta de muytas partes; o corpo da Monarchia, consta de muytos negoceos: aquella, & estes, são diversos: & quasi que os quíz chamar contrários: mas no mesmo homem todo, é toda o Monarchia, ha hum mesmo: cõsentimêto, & hũa mesma cõpitaçãõ. Para fabricar hũa caza, cõcorrem muytos artifices: ella consta (por dizelo assim) de madeira, de ferro, de pedra, de cal, & de area; mas não basta, que estejaõ juntos todos os materiaes, que a fabricaçãõ para que fique hũa caza fabricada, ainda que cada hũ destes materiaes, estivesse por si bem cõposto, não bastava; pera, que ajuntandosse todos, ficasse outra couza, q̃ huã confuzãõ. He necessario, hum Architecto, que vnindo tudo, no seu entendimento o conheça, & o regenerere, & que tirando das partes, a forma, produza a forma do composto, que não seja, nem sô pedra, nem sô

sô cal, nem sô madeira ; nem sô ferro, nem todas as couzas juntas mas hũa caza, aqual consiste em hũa caza, aqual consiste, em ùma certa armonia que he alma, da quellas couzas, que não tem alma: assi (se eu posso votar) he a machina de hũa Monarchia, na formação, & no modo de se conservar, âqual concorrem infinitos Menistros, & ainda, que cada hum destes obrasse como convem a seu officio, nem por isso se formaria outra couza, que hum confuzão, se aqui não ouvesse hum sô Architecto, no entendimento de qual se dispuzesse a fabrica de maneira, que perdendosse a forma das partes, se alcançasse a do todo. O homem cõsta de alma, & de corpo, mas a alma & o corpo, não fazem ao homem, he necessario, que entrevenha o uniaõ, aqual ainda que parece nada, he huã entidade Real. Quasi parece que cede em proveito do Monarcha (cqual se

se diz hum) que os primeiros influxos da Monarchia, se recebem em muitos como, que deve o Monarcha, produzir primeiro o numero, q̃ a unidãde, mas ainda entãõ devia elle produzir a unidãde, para, que della, & delle, (que fazem muitos) se produzisse o numero.

Quem quizer conhecer a benignidade do Conde Duque, confidete como levantou o Cardeal de Treço, ao Grao de Prezidente de Castella, ainda que seus amigos lhe persuadiraõ o contrario, julgando, se devia temer, qualquer risco desta eleiçam, sendo o Cardeal criatura do Duque de Lerma, & do Marquez das Sete Casas, hum cabido de privança, o outro morto, no tempo do Conde Duque. Affirmavãõ seus amigos, que não faltando fugeitos, pera hum cargo taõ principal, era licito respectar a segurança propria, quando se podia fazer sem deservir ao Monarcha.

A materia grossa; pera formar o arco da Politica, tal vez se dobra, a sutil, tal vez se quebra, a estrada de hũa he mais larga, mas he mais comprida, parece menos segura; porque se precipita, precipita tarde, mas se chega, chega tambem tarde. A estrada da outra he mais breve, porem menos segura, & tal vez precipita logo, porem tal vez tambem chega logo. Esta não se pode aprêder nos livros pède de muytas circũstancias, hũa, que lhe falte, falta, & se hũa lhe foge, cay. Quem a quizer obrar, empotta que de si mesmo a produza, & a conheça, porque pede igual força de entendimento, & grande força he conhecer, quando se há feito, & quando esta feita.

Hã na Politica, hũa regra, que se não melhorem os homens, ainda que valerosos, não sendo dependentes. Esta he hũa Politica grosseira, que foge o perigo prezête, mas não evita o vituperio  
comum

comum: que põem em contingência o futuro, & se succede que o negocio periguo, o qual se tirasse ao valerozo, para se dar ao que depende: & ainda que no tal successo, tivesse a fortuna toda a parte, a eleição se attribue, & resulta muitas vezes della, ou perder o credito, ou arriscar a privança.

Outra regra ha, & vem a ser, que se a diamem os valerozos, ainda que não se jaõ dependentes, & ainda que não se jaõ amigos. He esta hũa Política futil, que assegura o perigo, & que produz o louvor: pede com tudo grandes olhos, para descobri-la, & mayor resolução para abraçala.

Quando hum não he nosso amigo, sendo amigo de outro, que não he amigo nosso, o seu não querer, não he odiar: aonde não ama, não ama, por q̃ ama; o não ser amigo, he nelle accessorio, segue a natureza do principal, & tanto, que falta hum, deixa de avorrecer o ou

tro masonde hà odio, & està produzi do de mã natureza, naõ se deve beneficiar, com o perigo proprio, & sem ever gonhar-se, se deixa, porque a liberalidade, que pode cauzar dano com o beneficio, assegura com a emenda a mormuraçãõ. A malicia, hê odisa a todos, naõ produz valor: antes o cõrrompe, & ainda fora mais odiada, se nao succedera, que muitos amãõ mais o destruir que o edeficar.

Espanha que enriquece de ouro, & prata, as outras Provincias, ficou taõ pobre destes metaes, por cauza do excessivo pressõ, que tinha a moeda de cobre, q̃o Comercio pella mayor parte cessava entre os Provinciaes, & estava quasi extinto, cõ os Estrangeiros, ocazionado isto, não da moeda abatida pello Príncipe, senão dà mayor soma intruduzida, em Espanha, com grandes interesses dos falçarios, & pella mayor parte dos

F

enemigos

enemigos, quando o Conde Duque ( a  
inda que encontrado obstinadamente  
por muytos Menistros de S. Magesta-  
de) aconselhou a El Rey, abaxa de meo  
preço, couza, que posta em pratica, em  
beneficio dos Povos, os fez discorrer, q̃  
levantasem estatuas a providencia, de  
seu benigno Rey, não sem qualquer  
honrada lembrança do Conde Duque.

A utilidade do Principe, em seme-  
lhante erro, não tem proporção como  
dano dos Vassallos, impede o Comere-  
cio com os Estrangeiros, & entre os se-  
us o difficulta, & se a utilidade he grã  
de, nunca falta quem a falcifique, don-  
de nasce, que depois no cõputo da moe-  
da, se experimenta ainda mayor dano  
que aquelle, que estava feito.

Ouve ja Republica, que viveo largo  
tẽpo, com moeda de couro, porem suas  
leis, não se admittião dos Estrangeiros,  
assí prezervavão, a corrupção no viver,  
& assim impedião, o falcificar o dinhei-

ro. Hum estado, que não necessitasse, de Comercio de gentes estranhas, & hum Príncipe que achasse modo de assegurar-se de moeda falsa, ou porque tivesse particular materia, pera formala, ou porque descobrisse hũa forma exclusiva pera fazella, que não fosse imitavel dos outros, poderia sem dano dos Vassallos, dar o preſſo do ouro, a quella forma, ou esta materia, ou a outra ainda mais, vil, mas porque o que se inventa facilmente se imita, foy conveniencia recorrer, a quella materia, que difficilmente se acha, & que está por toda a parte espalhada, a fim de não impedir os Comercios, & de assegurar de falsarios.

He accidente, que o ouro seja de grande valor; He caro, porque he pouco. O cristal he tambem bello, he lucido, he diafano. Se o ouro tem semehança, com o Sol, o cristal, a tem com o Ceo, & a fragilidade não abate o

preço, não priva da beleza, antes lhe apresenta os respeitos. A perola, que he mais fragil que o ouro, & que por nacimiento he menos nobre (filha da Lua, & da agua) he mais preciosa, que o ouro: mas se o ouro he semelhante ao Sol, & o Sol no Mundo, he o principal agente, & o agente procura sempre produzir o seu semelhante, porque rezão não produs mais ouro, que chumbo? Por ventura, porque o Sol, não he agente tão activo, como delle se prezume, esta impedido de materia tenebroza, na qual obra, he combatido do pezo, & frialdade da terra, contra a qual obra, porque se hum destes agentes, fosse sempre superior aos outros, o Ceo estaria ja convertido em terra ou a terra estaria ja transformada em Ceo, & sempre foraõ de igual força em todas suas partes não pudera aver geraçam, pello que nam he maravilha, que o ou-

ão se produza tão pouco porque  
 não he produzido sem grande ví-  
 ctoria, & esta não se alcança, sem  
 grande resistencia, trabalhando muy-  
 to a terra a fim, que em seus ceyos,  
 senão produzão os caratheres do Ene-  
 migo:

*Achou Phelipe Quarto, empenhadas  
 suas rendas, & se teve mayores guerras  
 & mayores despezas, que seu pay, & avô,  
 alimpeza, & ordem do Conde Duque,  
 encaminhava de tal modo as couzas  
 da fazenda, que a Magestade deste gran-  
 de Rey, pode oprimir os Enemigos de  
 Deos, deffender seus Estados, conservar  
 a sua reputação, sem novos empenhos de  
 sua riqueza,*

Nam poderei aqui desimular o  
 que dizem os mal affectos, quando  
 acuzão a prudencia do sabio Rey Ca-  
 tholico, & o Conselho de seu privado,  
 por se perderem algumas praças em

Flandes, & pera verem succedido tantas guerras em Alemanha, & em Italia, como, que se a prudencia, pudera vencer a enveja, & o cauzar ciumes, pudera a partarse da grandeza.

Se Phelipe 2.<sup>o</sup> sò por empedir, que França não ficasse herethica, se pode quasi afirmar, que perdesse Flandes. Porque hã Phelipe o 4.<sup>o</sup>. de ser vituperado, quando ainda deixasse enfraquecidos os exercitos em Flandes, por defender a Religião, & tambem os Estados dos Principes do seu sangue? Quando com mais rezaõ, se diviã ouvir ê louvor seu, gloriozos encomios, que o chamarã de zenteressado defensor da Fê, a filo dos injustamente perseguidos, protecção das Republicas, & dos Principes, castigo dos Hereges, sêro Magnanimo, sempre glorioso? Quantos thezouros tem gastados, quantos exercitos consumidos, em serviço de Deos & dos homens? Quantas Praças, rendo

deo, & todas liberalmente restituhio  
ou aos q̄ s̄e razão se uzurpão, ou aos q̄  
justamente se tomão?

Qual guerra empredeo, que não  
fosse por defender a Religião molesta  
da, ou por observar a justiça oprimida,  
ou por sustentar o credito desprezado?  
O que em Flandes se perde, não he cul  
pa do Rey, ou do valido, pois nũca fal  
taraõ soldados pera os exercitos, nẽ di  
nheiro para os soldados, perdeuse por  
outros accidẽtes bẽ conhecidos, & nes  
ta parte he mais digno de louvor, o Go  
verno de Phelipe o 4.<sup>o</sup>. que o de seu avô  
quando hum fez guerra em outras Pro  
vincias, sem tirar os exercitos de Flan  
des, & o outro não soube socorrer a Fè  
Catholica em França sem desamparar  
os Estados.

Menos se deve culpar ao Conde Du  
que nas guerras, que neste tempo, tive  
raõ s̄ẽpre vacilante a Monarchia dos  
Austriacos, antes com mais razão, aos

que sediciosos as moveraõ. Naõ he pera crido, q̃ hum privado de juizo (par to quieto dos bènignos Rayos de Iupiter, & Venus ) ande cuidando, como trazer o Mundo inquieto, se he prudente, se elle como a pomba do diluvio, tras o ramo da oliveira, he certo que naõ procura guerra, & a naõ pode fomentar, sem deixar a privança, & difficultosamente sem a perder.

As vitorias como muito soaõ, muito mal se occultão aos olhos de todo o Mudo. O encobrilas, he com o perigo do Príncipe, o deixalas correr, pode ser com ruyna do privado. He hum grãde homem aquelle, que no tempo da guerra, naõ perde a privança, ou naõ arisca a Monarchia.

Naõ digo q̃ senaõ achem privados dezejosos de guerra, & q̃ como os corvos, procuraõ viver sempre, entre os cadaveres, mas estes ordinariamete turbados dos rayos de Marte, & de Saturno se

introduzirão na privança pellos meyos da sagacidade, cõ perniciosos, mas apia dados conselhos, donde procede, que depois lançaõ fora aquelles humores negros, que dentro tem, & turbão as agoas, a fim de não serem pescados, dos que pescaõ a verdade. Pobre do Mundo; quando nelle nace hum destes validos. Demos graças a Deos, porque em nosso tempo não naceraõ Confundo hum delles o Orbe, poemno em questam, desconjuntao, arruynao, & arruynasse. Turbados os rios, entrando, pareffe que acrescentaõ as agoas, porem diminuem a may, porque augmentam o lodo, não correm muyto, porque não correm. Estes Phaerontes, depois de averem pegado o fogo no Ceo, ficaõ fulminados de Iupiter.

Negoceo hê pera cõsiderarse, q̃ zin da que aprudécia seja aquella que he cõveniente pera sustentar na privança  
 não

naõ se obra sempre a verdadeira, antes as mais das vezes, a falsa. Hũa tem por fim, o bem verdadeiro, & a outra tem por fim o bem aparente, aquella prudẽcia, he clara, estoutra he escurecida, por rem ambas soã muyto, & não engrandecem pouço. Hũa com mayor segurança, porque he mais benigna, a outra cõ mayor rumor, porque he mais mordás. O entendimento do homem fãgas, he hum mar, sempre inquieto, nem tem descanso, nem dá descanso, as mais vezes destroe, ou no que edefica, ou no que sustenta, os fũdamentos da sua grandeza, saõ as ruynas dos outros, faz que o Principe sempre tema, pera fazerse necessario, quer fazelo tirano, & com isso se faz tirano. He a privança hũa arte, que imita a prudencia, & a modo daquelle artifice que procura imitar a natureza, nam deleita, senão engana, & mais deleita, quando mais engana, & se deixa de enganar

deixa de ser, está na orla, do precipício & porque não pode sempre enganar, hũa vez se precipita. O entendimento do prudente, he suave, & he benigno: espira tudo suavidade, & tudo paz; edifica, o que os outros arruinão: & se talvez, tambem destroe, destroe, não por levantar os seus edefícios, lenão para sustentalos; faz ao Principe bom, para se lhe mostrar proveitozo: faz que o ame, porque o amem, não se precipita da privança, se o Principe se não precipita na tirania; & se qualquer accidente da fortuna, o lança do monte do favor, não caye, de ce. As grandezas dos homens prudentes, são influidas de Astros benignos, & porque suavemente se augmentão, como levanta das torres, se sustentão, sobre os fundamentos. Os sagazes, sobem ao alto, não crecem, são como o peouro de barro, que violentado do impulso, velosissimamente, passa os mais altos edefícios, & em chegan-

do

do a mayoraltea, cay & não cay, sem que se quebre: Se Tacito, attribuir, o cahir da privança, assim como a opulência, também a sagacidade, eu o seguir na outra parte de sua sentença, em que mostra ser a privança, raras vezes perpetuada, porq̃ raros são os homens, que se jaõ prudẽtes. & rarissimos, os q̃ postos no alto conservem prudencia, & Tacito, q̃ attribuyõ tanto a força da dominação, & ao encãto, do obsequio, devia também julgar, toda a constancia, fragil, & toda a prudencia instavel.

*Feso Conde Duq̃, fazer navegaveis algũs Rios de Espanha. Descobrio veas de ouro, não por ambição do interesse, mas por poder diminuir os tributtos dos subditos, sem faltar as obrigaçoens. da Monarchia.*

O ouro he util, para as cõservar, & he necessario para crecer os Estados. Algũs politicos o fiserãõ inferior a reputação, & cõ tudo. esta não tẽ outro preço, q̃ o premio

premio, q' elle lhe dá. Enganaraõse com ver algũa ves os homens, deixar hum Principe enriquecido, por servir a outro melhor reputado, esta experiencia foi verdadeira, mas não succede, não porque a reputaçãõ, obrigue mais, q' o ouro, mas porque da mayor esperança, o valor de hum Principe reputado, q' o ouro, dos Erarios, de hum Principe rico: Aquelles soldados, sam mal pagos, que sempre, são pagos & aquelles se pagaõ bem, q' as vezes parece q' se pagaõ mal. O pressio ordinario: porque vendem suas vidas, mal basta pera sustentalas, os sacos, as correrias, as victorias, sam aquellas, que enriquecem os Soldados, & daquellas cabeças, que conhecem mais reputadas, se esperaõ estes beneficios, mais frequentes.

Aquelle privado, que acrescenta as rendas de seu senhor, acrescenta as rendas do Povo, do qual he hũa das mayores felicidades ter o Princi-

pe rico. Quando o Rey, não pede, dá, & quando dá, pede. O Principe q̄ não dá muito, he mais pera dezejar, q̄ o muyto liberal. Os donativos enriquecem a poucos, esgotaõ os thezouros, que depois para se enchecerem, empobrecem a todos.

*Estava El Rey Christianissimo em França, no serco da Arrochela, & receãdo, que fosse socorrida pello Ingles, pediu por meo do Marquez de Rangogliet, seu Embaxador extraordinario, a Phelipe 4.<sup>o</sup> a sua armada naval, & concorrendo, o Conselho do Conde Duque lha concedeo, alcançando grande honra, de aver libertado a França de tão larga opressão, com tanta utilidade da Fè Catholica.*

Julgouffe que não acertou o Conde Duque, na razaõ de Estado, em aver quasi querido antepor o serviço de Deos, a comodidade do Principe mas não pode errar, no serviço de El Rey, quem não errou no serviço de Deos. Se algum

gum pouco catholico divide nos seus precitos a razão de Estado, da de Deos: nos interesses deste Rey, estão tão unidas, que nem o entendimento as pode dividir. Deos, que mostra, que elegeo esta caza para coluna de sua Religião não quis deixar lugar, a que se lhe tirasse por sagacidade, porque se succedesse nella, qualquer Menistro, pouco Religioso, não fizesse mais mal, q̄ assi mesmo, com a preverça intenção, vendosse ainda ser violentado da sagacidade, para aquellas acçoens que vistidas do zelo de Deos, serião partos louvaveis da prudencia: mas examinando a razão de Estado, do Mundo, digo, que quando esta se aparta da razão de Estado do Deos, se deve seguramente afirmar, q̄ he razão de Estado do Inferno.

Não teve tenção (no que julgo) Lucifer, de se fazer grande, para subir affirma de Deos, porque então, não tivera tenção de dividir a unidade, senão de  
melho

melhorala, o que podia conhecer impossivel, só com o attributo natural da sciencia: teve pois pensamento de sublimarse, com se por de hũa parte, & apartarse, do hum, formando o dous, sobre o qual depois, como sobre centro, fez o desenho, a sua circumferencia, diverça da de Deos, & não se podia apartar do hum, sem que fosse pessimo, porque tudo o que hê bom, hê hum. Deos, tirando hũa linha, da sua circumferencia, pera formar o tres, sercou ao homem, o diabo tirou tambem hũa linha, da sua circumferencia, pera fazer o quatro, & o enganou. Deos, que não quis, deixar o homem, no poder do diabo, veo, a remilo, & formou, o cinco, & ainda, que lhe não tirasse a inclinação, ja corrupta, que o enganou do dous, deulhe agraça, que o reduzio ao hum, donde o homem, não podendo desenhar a circumferencia sobre si mesmo, porque senão dà outra circumferencia, que do hum, &  
do

do dous, nã se achando outra couza, q̃  
 ou bem, ou mal, ficou livre de dezenha  
 la, obrando bem, sobre o cẽtro do hum,  
 obrando mal, sobre o centro do dous. Af  
 si como se daõ duas circunferencias, e si  
 se daõ duas razoens de Estado, hũa de  
 Deos, & do Diabo outra: a de Deos, há  
 de chegar-se a elle, porque he grande a  
 do diabo hà de apartar-se de Deos pera  
 fazer-se grãde. Qual discurso, pois de eẽtẽ  
 dimento Religioso, fabera dictar, q̃ po  
 dendosse desfazer hum ninho aos Here  
 ges, o naõ desfaça? Quẽ o pode fazer, &  
 o naõ faz peca; & eẽ grãde esse quanto po  
 de o governo do diabo.

Quẽ o pode fazer, & o faz eẽ grãde esse, quã  
 to pode a razão de estado de Deos. Por  
 vẽtura, faõ as culpas as q̃ aõde desfeder  
 os estados, & os meritos os q̃ aõde destrui  
 los? O Rey, o grãde, o Catholico! q̃ cousa  
 credes deffẽde os vossos thezouros naõ  
 digo, ja os vossos exercitos? Deffẽde os  
 Deos por q̃ o deffẽdestes por q̃ o deffẽdeis  
 por q̃ o deffẽdais.

Dom Manoel de Menezes,<sup>n</sup> General da armada de Lisboa, não tendo bastante fazenda pera sustentarse na Corte. & pera deffenderse de algũas opozicoens, que se lhe levantaraõ a serca ds exercisio de seu cargo, de triminou partirse, deixando procurador, & entendendoo, o Conde Duque quando lhe pedio licença, não consentio q se partisse cõ menos cabo de sua reputaçõ & não querendo impedir, a justiça, se offerecco a assistirlhe, acuidinaõlhe com dinheiro, sirvindoce este liberal privado dos sobejos de seus premios, para as necessidades dos homens de merecimento.

He mayor bemaventurança, o dar que o receber, acazo porque he mais bemaventurado, aquelle, que ré como didade pera dar, que aquelle que tem mizeria pera pedir. Mais que todos pois he bemaventurado aquelle, que dá, & não recebe. Aquelle, que recebe & dà, não he elle, o que dà, he aquillo, que lhe daõ. Muytos que saõ inflexíveis

xivcis

xiveis no receber, são também inflexíveis, no dar, a mesma severidade que têm contra si mesmos, tem contra os outros. Podia o Conde Duque socorrer a hum Menistro de tantos meritos, cõ os thezouros daquelle, de quẽera benemerito dezeja socorrelo com o proprio poiq̃ hera benemerito do Rey. O Privado deve julgar por serviço seu, o serviço feito a seu senhor, deve dar-se por obrigado, daquelle a quem El Rey esta obrigado. Se dá àquelle que obra bem, merece também, com as obras, que não fez porque as remunerou; mais que a vida estimaria a fazenda, mais que o entendimento, mais que assi proprio, aquelle que despendendo todo assi proprio no serviço de El Rey, não dispendesse também sua fazenda. Tãõ difficulosa parte he adodar, como a do receber. Quẽ tudo recebe, he demasiadamente cubitoso, quem não recebe nada, he demasiadamente

damente fevero, quem dá se, p<sup>ra</sup>, he de  
mafiado prodígo, quem nunca, dá he  
por extremo avarento.

Aquelle, que julgou difficil, persuadir  
a hum, juiz, a dar o proprio, & facil o  
dar o alheo, se acharia arguido de falço  
pello Conde Duque. O verdadeira  
grandeza de hum privado, que ôde naõ  
pode chegar com a justiça, chega com  
a liberalidade, pera q̃ se q̃ perdesse aque-  
la, q̃ deve sempre Reynar, se veja, tem-  
do aquelle, que esteve perto de a per-  
der. Corraõ competencia os fugitos  
valerosos, & os premios assegurados, a  
servir aquelle Monarcha, cujo privado  
quando naõ intercede com El Rey, faz  
merces, como elle. Quem duvidara se  
mostre liberal, do proprio, quando tem  
com que o ser? E ainda direy mais,  
quando, naõ tem com que o ser, & quan-  
do podia naõ o ser.

Nas audiencias, naõ se vio ategora  
valido mais facil, nem mais benigno é  
a çõ felha, ajudado, consolado, & até edo

de que podera escrever singularísimos  
 exêplos, por muitos os deixo, para alcã  
 çar o louvor de breve. Não ha couza mais  
 dezejada, nê mais querida dos Povos, q̃  
 a audiência, naõ ha Menistro q̃ melhor a  
 possa dar, nê q̃ mais a deva dar, q̃ o bom  
 Menistro. Algũs, ha, não sey se por zelo  
 da justiça, se por aspereza natural, q̃ ef-  
 cutão cõ pouca paciência, & respõdê cõ  
 pouco amor, áquelles q̃ não querê des-  
 pachar, sêdo q̃ etão deviã ser ouvidos,  
 & suavemête cõsolados. He necessario  
 mostrar amor a todos, alegrãdo se cõ os  
 q̃ alcãçaõ os despachos, & cõ padefêdo se  
 se dos q̃ os perdê, para q̃ aquelles, attribu-  
 aõ tãbê à vôtade a obrigação de aver al-  
 cãçado, e estes ao ser forçoso, o dano de  
 não alcançar. Aquelles não são bõs pera  
 dar audiência, q̃ não obrãõ sêpre confor-  
 me o q̃ he justo, por q̃ a saltados, das pode-  
 rosas razões dos interessados, he força o  
 desfazelas, com hum. Assi, o quero, don-  
 de depois com grande razão, os

os Vassallos se chamaõ effeadidos, quã do sô da vontade, vem a padecer a ruy na. Mas o Conde Duque que assi nas materias da graça, como nas couzas de justiça, tem sempre nas mãos, as balanças de Astrea, facilmente quieta, a inda aquelles que exclue, fazendolhes conhecer ou que foraõ vencidos. do merecimento, ou convencidos da Ley.

Naõ sey o que diga do Principe, di rei por ventura; o que digo do privado, q̃ não sô não tê arbitrio no administrat a justiça, mas nem ainda no conceder a graça. O homem he hum animal racional, quando se priva da justiça prí vasse da razão, & sô fica bruto. Os a migos do privado, devem ser aquelles que merecê, & os que mais merecê, ma is; Aquella mizade, que sem razão se funda, estou por dizer que não succede sem appetite, porque nê sem payxaõ succede, nem se contemva sem erro.

O homem naõ tem tanta liberda  
de

de de amar, como cuida: senão amassemos a Deos sobre tudo, seria peccado, & senão amassemos mais, aquelles que menos nos merecem, errariamos; he grande couza certo, q se hajaõ de dar os cargos, se justiça, ainda aquelles q talvez, aõ de administrar a justiça: a esta não chamarei eu liberdade, para fazer ofavor, chamar heey licença, & no me alo hey abuso, para confuzão do Mundo: do mesmo modo, se deve por razão de justiça, o cargo da mayor honra, a quelle que tem mayor valor, que se deve o mayor castigo, ao que comete a mayor culpa, & certos, & se achasẽ balanças em que se pezacem os merecimentos, assim como se achaõ pera se pezar os delictos, eu me admirara, de que a justiça se pintara sã, com a espada na mão direita; & não juntamente, com Cidades, com Reynos, & com Monarchias, como, que as peza, não a fim de premiar merecimentos, senão só de castigar

figar culpas.

O se todos os Reynos, tiveraõ hum privado como este, que diligentemête, se pezaraõ com os delictos, os meritos. Tirasse aquella falça liberdade, que tanto dano cauza, que produz tanto odio, pera o Principe! Como estiverão sempre os Reynos cheos de homens valerosos, sempre felices, sem confuzão & sé queixas! Mas por ventura senão custu ma isto porque entraõ os Principes, co nhecênão ser obrigados: ou a ser de ma is valor q̄ os outros, ou a confessar, que sem razão possuyão o Principado: ou q̄ erão obrigados a perdello.

*He tão facil o Conde Duq̄, em perdoar injurias, & tão enemigo de vingarse, q̄ muitos chegarão a julgar q̄ era conveniencia serẽ seus contrarios. Ouve certo homẽ principal, que sem ter cauza propria ou razão justa o quis matar cõ hũa pistola: & confessando judicialmête a culpa, cõ outros q̄ mereciaõ a morte, o Cõde Duq̄ lhe fez comu tar a pena*

pena é huã prisão dilatada, daqual estãdo  
 livre, & não deixãdo ointẽto, descoberto  
 animo, se auzetou de Espanha; & é ouiro  
 Reino, foy preso; o q̃ sabido do C<sup>do</sup> dispidio  
 huã correo, rogãdo aos Menistros o diuise  
 porque set rruava a Espanha o não podia li  
 vrar da Injustiça.

Eu cõto este cazo, mas cõ licença do  
 Cõde o não louvo. Aquelle q̃ avorrece  
 fẽ razaõ, quer mal por natureza, atescõ  
 tra a natureza; não lhe tira o q̃er mal,  
 quẽ não lhe tira o ser. Perdoar aquelles,  
 cuja natureza, he enẽmica da natureza  
 pode ser magnanimidade, mas onã casti  
 gallos, sempre ha de ser injustiça: Quer  
 Deos que o Homem perdoe no Mun  
 do, mas nam como elle, eustuma per  
 doar no Ceo: se o offẽdido perdoa, quer  
 que o juiz o castigue: elle perdoa no  
 Ceo, & pode nam castigar, porque no  
 Ceo, he o mesmo o juiz, & o offendido  
 mas no Mondo inda que o Homem per  
 doe, & ainda que elle perdoe quer,

que justiça tome satisfação, por que da sua parte, não he o mesmo aquelle, que castiga no Mundo, & aquelle q he offendido no Ceo, & pera que nem menos, seja o mesmo da parte do homẽ aquelle que he offendido, & aquelle que castiga, dà o nome de Deos, ao juiz; por ventura pera nos fazer conhecer, que elle não castiga como Homem; senão como Deos.

Fazer mal por bem, hê erro, bem notavel, mas pode ser, que não he o que arruyna o Mundo: poucas vezes, acontece, que não seja extrema injustiça, hê ingratitude avorrecida, de todos vituperada: porque seu exemplo, a todos perjudica, he razão de estado, avorrece-la, & empidila. Aquelles que esperão beneficios, (& todos os esperão) perdirão a esperança, de recebelos, se os animos daquelles que os fazem, por causa das frequentes ingratitudeens, chegacẽ a desprezados. O dar mal, por mal, q  
parece

parece me os erro, que mnytãs vezes he louvado, que he tantos aplaudido he aquelle que introduzio a vingança, que he a que arruyna o Mundo. Nem o juiz tem licença pera dar mal, por mal quando ainda corte, & quando ainda mate, faz aqui a recompença do injusto, pello justo, do mal; pello bem. O homem peca, em fazer o mal, ou porque o faz quando não deve ou porque o faz, como não deve. As plantas, não são feras, os animaes sim, porque tẽ alma sensitiva, mas mais feros são os homens, porque tem de mais, a alma racional. Os animaes, mataõ movidos dos sentidos, os homens, guiados dos sentidos, & tambem da razão, mal guiada do sentir; debaixo do circulo da Lua, entre aquelles, que se corrompem, aquelle he peor, que era mais perfeito.

*Nas distribuiçoens dos officias, & dignidades, raras vezes se acha o Conde Du-*

que no conselho, & muitas vezes se parece com o Povo, no saber quẽ devia ser eleito, sô quãdo he eleito, & isto observa mais estreitamente, nã sô elle (mas tambem El Rey) nos officios ecclesiasticos, encarrregãdo a cõciência do Confessor a eleição daquelles q̃ são propostos pello Conselho sêdo q̃ todos os mezes se previaõ muitos centos de milhares de cruzados de renda.

Todos os estados ainda os titanos, se governão cõ a Aristocracia, se a não formão os Magistrados, formãona os Ministros, de q̃ se compoem hũa Republica; o seu Dictador, he o privado, & se elle não faz nada, vem a ser nada, se fas tudo, vem a ser tirano. Que importa q̃ elle escolha, e todos os officios? para eleger basta q̃ haja eleito aquelles q̃ elege, que neste cazo he certo que sempre se ja eleito, aquelle que elle ouvera de eleger: livrasse do odio dos que nam sam eleitos, nã perde a obrigaçam dos que se elegem q̃ue lhe fição muyto obriga

obrigados, porque os não empedio, & o que ainda he mais, que assegura do perigo, de aver mal eleito.

He muyto dificultozo, o conhecer a capacidade dos fugeitos, para assegurar na eleição: a experiencia engana, & a razão não chëga a tanto. Toda a sciencia para bem se aprender, todo o officio, para bem se administrar pede hũa certa qualidade de entendimento, & assi como o ser eminente hũa sciência he o mais seguro argumento, de fraquear nas outras, assi o aver exercitado com prudencia hũ cargo, não infere a mesma felicidade, naquelles que não são os mesmos. A natureza quando faz hũa coisa obraa, para hũ só fim: não he (dizia o Philosopho) como o artificio Delfico, cuja faca, corrava, & furava. Conhecco, esta dificuldade hũ sagas tirano (ou lho fes dizer hũ entêdido politico) quando deixou escrito, q̃ muitos dos q̃ vaẽ aos governos das Províncias, se mostraõ diferentes do que

que se esperava, ou do q̄ se temia, huns se vem sublimados, da mesma grandezza dos negoceos, & outros abatidos, & isto succede, naõ sò pella qualidade do entendimento, mas tal vez pella deri gualdade dos successos.

Hum homem de grande valor, occupado em hũ cargo de humilde reputaçãõ, desprezao, & porque o naõ trata, o dezampara, & posto em lugares grandes, faz conhecer, que parecia menos, q̄ os officios menores, porque era mayor. Outros homens de pouco preço occupados em negoceos de pouca valia, como em tudo se lhe applicaõ, succedelhes bem & admitidos a mayores occupaçoens, as perdem, & succedeslhe mal: & obrigaõ a conhecer, que a ventura nas pequenas cauzas, naõ procedeo do teu excessõ, senaõ da sua igualdade. Esta parte dezejou aquelle titano, em seus Ministros, & a louvou por singular, a quelle Politico, quando louvou hum fugitivo

fugeito, porque não sendo superior aos  
negoceos, era igual aos negoceos,

O Conde Duque, porque os Conselheiros  
estivessem sempre advertidos, em ex-  
ercitar bem seus officios, abriu hũa porta,  
para todos os lugares dos Conselhos, porq̃  
não podendo El Rey assistir sempre, p̃de-  
sem elles temer, que sempre assistisse.

O Principe tem semelhança com  
Deos, he com tudo em sua comparação  
infinitamente menos: mas o homem  
dá a entender, que quasi o julga mais,  
quando se guarda de errar, porque o  
pode ver o Principe, & não se guarda  
de errar, por estar presente Deos: como  
se elle duvidasse do que he certo, & ou-  
vesse certeza, no que duvida. O que  
não se atrevia a peccar na presença de  
Cataõ, na presença de Deos, sem pejo  
peccava. Eu não attribuo isto, a fê extin-  
ta, senão a fê remissa He este hum pon-  
to, que se ouvera de propor aos olhos  
dos filhos, para que conheçaõ o pecca-  
do,

do, & pera que não pecassem antes que foubessem que pecavão em presença de Deos: não lhes tirou por ventura a vergonha do pecado, o aver pecado se vergonha. Couza notavel, que a quantidade dos delictos, acrecente a confiança, devendo acrescentar o temor, por que acrescenta offensas, porem todos nossos erros, procedem de nossas ignorancias. O homem não pode ver a Deos, & viver. Sabe o homem que he Deos, aquelle q̄ he, perẽ não sabe o q̄ he, porque no Mũdo, não o ve, como hẽ: por isso não me admiro, que o Propheta chamasse ignorancias aos peccados.

*Pedio o Conde Duque de joelhos, a seu grande Rey, que ajudasse seu grande talento, não sò com a experiencia, que cõtinnamente, praticando os negoccos adquiria, mas cõ a lecção das historias dos Principes seus antepassados, & lendo hũa vez, louvou muyto a hum Rey: a que respondeo o Conde Duque que mais para louvar fora, se o seu valido*  
*não*

naõ governara tanto;

Deute conselho a Nero, para que abatesse a Seneca, & que se escuzasse de mestre, porque os seus antepassados, eraõ os mais sabios Doutores pera ensinarlo. O Conde Duque, porque se naõ dê outro tal Conselho cõtra elle, naõ louva a Sua Magestade aquelle Rey, que fazia do valido mestre, & lhe mostra, que a melhor escola em que deve aprender, hé na lição de seus antecessores.

Niculaõ Machavello, queria q se recorresse mais, as historias dos passados, que aos successos dos modernos, & dizia elle, se nos naõ valemos da doutrina dos antigos pera curar, das leis, para o q se julga, & das estatuas pera oq se imita, porq a razão naõ imitamos tãẽ suas açõs, eouza q naõ he impossivel, quando o Cee, os elementos, & os homẽs, naõ estaõ mudados do movimento, do costumẽ.

Eu quãto a mí (premitasse me licença) sou de cõtrario parecer, naõ digo com tudo,

H

que

que os homens estejaõ mudados, antes digo, que se o naõ estaõ na especie, & estaõ nos indivíduos, e por esta razão, estaõ tambem trocadas as acçoens, que saõ do indivíduo, & naõ saõ da especie. Aqualidade, & a quantidade dos manjares, alteradas e nossos tépos, escuzaraõ os q̄ esquecerão aphorísmos, q̄ algũ tépo foraõ verdadeiros, e agora os vemos falços, tive-  
rão grande força, para mudaré o téperamento, & mudado este, qualquer parte deve tambem mudar os costumes.

Eu naõ digo que os Ceos naõ saõ os mesmos, & que seus movimentos sejam variados, mas os movimentos naõ saõ aquelles que influem, saõ as Estrellas, & nem taõ pouco as Estrellas, sem o aspecto, assi que os Ceos, ainda q̄ saõ os mesmos, os mesmos movimétos, as mesmas Estrellas, naõ saõ os aspectos os mesmos nem o seraõ, & se o naõ seraõ, nem seraõ taõ pouco (quanto aos q̄ lhes toca) os effeitos os mesmos.

Tem conexão as couzas superiores, cõ as inferiores. Quem considerar, que no Ceo, senão acha hũa Estrella, que seja como outra, naõ se maravilhará, de que no Mundo os homens senão pareçaõ; de que se obra se alguma acção, em tudo de semelhante a outra, mas como na Astrologia, he menos falsa, aquella observaçaõ, que he mais vizinha, assi será na politica, aquelle exemplo que he mais moderno.

Se os Medicos, senão apartaõ das raizes dos antigos, apartaõ se em grande parte dos seus medicamento; sos manjares muy delicados, assinados, & esfinados por Hypocrates, que saõ hum darce nada, em quanto a doença senão declara, se naquelles tempos eraõ convenientes, feriaõ neste tempo nocivos. Os grãos de cevada, que aos antigos serviaõ de inteira comida, agora consumiram os corpos. Os Elebros; que uzavaõ por medicamentos purgantes, agora afogaram

os doentes: entrataõ novas doenças, in-  
ven: araõse novas mefinhas: eitaõ as tan-  
tigas correctas, & mudadas.

As leys dos passados nos servem ain-  
da hoje aos modernos, aquellas porẽm,  
que iulgaõ entre Ticio, & Sempronio,  
mas não aquellas, que dizem ordem a  
conservaçaõ dos Estados: antes ainda  
hũa grande parte de que toca aos custu-  
mes, se tem mudado. A nossa Religiaõ,  
formou hum direito Canonico, em gran-  
de parte diverso do direito civil, variarãõ  
se as leys do Matrimonio, tiraraõse as do  
divorcio: não se fala ja de servos, nem de  
libertinos. A ley Agraria, a ley Julia, &  
outras tantas, ja sãõ leys do esquecimen-  
to Não se acharã Cidade por mais limi-  
tada que seja, que não tenha proprios es-  
tatutos.

Aquelle que depois de ler, hum exem-  
plo, leuavel dos Antigos, prezume que  
logo o praticarã, se engana. Seria forço-  
zo (estou por dizelo, antes o digo) mu-  
dar

dar, ~~todo~~ o mundo: consta este de hũa ordem, de hũa harmonia, & he hum instrumento de muytas cordas, que por pouco que dessa hũa, discordaõ todas.

Enganouse tambem Nicolao Machavello, em crer que o proveito das historias, consista em valer-se do exemplo, & deste erro, como de rais, nascem todos os outros, que cometeo na politica. Assim como na Medicina, estaõ condenados os empiricos, assi se devem condenar na politica os exemplares.

E naõ sõ nos naõ devemos valer dos exemplos antigos, posem nem ainda dos modernos: pedem grandes circumstancias para serem os mesmos, & necessitaõ de grande quantidade, para formarem hũa regra: saõ muyto perigosos, porque nem sempre saõ filhos da prudẽcia; muitas vezes o saõ da Fortuna, & a Fortuna naõ se deve presupor nos negocios, base de dezejar. Eu naõ vitupero a q̃ a liçaõ das historias, louvoa, c̃ para

aos mantimentos, porque assi como es-  
 tes, quando estão somente no estomago  
 não nutrem o corpo, assi alicam, em qua-  
 to sô vive na memoria, não forma juizo,  
 vão os mantimentos alterados, & digeri-  
 dos. Se todos os homens tiverão eminẽ-  
 cia no entender, não necessitaraõ da lin-  
 gaõ das historias, pera ficarẽ poloticos;  
 não teriam necessidade de estudar nas  
 estatuas (vou no argumento de Mae ha-  
 vello) para serem escultores, mas ja que  
 em poucos (& raras vezes) se acha esta e-  
 minencia, os politicos leão as historias,  
 os escultores, emitem as estatuas, & assi  
 como as estatuas, nam servem aos escul-  
 tores, mais que para adquirirem com el-  
 las, hũa boa disposiçaõ, nam lhe gran-  
 geando credito, o copiar as mesmas, se  
 não formar outras varias, cõ a disposiçaõ  
 que naquella se adquirio: assim as histo-  
 rias nam servem aos politicos, mais que  
 para formarem hum pouco eãccito, não  
 devendo obrar conforme os exemplos,

se bem com o quelle juizo por idéa, que formaram sobre a liçam dos exemplos.

He para compadecerse de Machavello, se depois de ser empirico na politica, e vem tambem a ser na medicina, a que define dizendo, que hé hũa experiencia feita pellos antigos, sobre a qual se fundão os Medicos presentes, & os seus juizos, quando era obrigado, a dizer que era a medicina hũa sciência do objecto fadio e neutralizante.

Torno ao meu centro, & louvo ao Cõde Duque, de que persuadisse a El Rey, a liçam das historías, para que sobre ellas formasse o seu juizo, & lhe procurar, as de seus antepassados, para que pudesse talvez valerse do exemplo com menos perigo.

Os livros maldizentes, & as sátiras, se sãõ sam escritas contra o Conde Duque deixaas sem castigo, porque as despreza: mas se sam cõtra El Rey, ou outro qual quer Menistro, faz castigar os que as fi-

zeraõ.

Dizia hum entẽdido na arte, que o subdito, naõ deve fazer satiras contra o que manda; deve louvar o passado, & acomodarse com o presente. Pode dezer Principes bõs, mas quaes elles forẽ, os deve reverenciar.

Tiberio, começou a ley de lesa Magestade, com a modestia do Conde Duque, porque os seus principios foraõ bõs, não a seguiu, porque se preverteiraõ; não foi arte, foi natureza; naõ se augmentara na ley o rigor, se primeiro nelle, se naõ demintira a bõdade: alterouse, & alteroua: & porq̃ a escreveo no tronco da malicia, cresceo a malicia, quãto cresceo o tronco. As satiras, o q̃ as castiga, as aprova: se saõ falsas, movẽ a riso, se saõ verdadeiras, excitaõ a colera. O ser vituperado cõ a mẽtira, deleita: porq̃ he final, que naõ pode ser vituperado com a verdade: nam se deixa de dizer aquilo, que he, quando alguem se resolve a dizer o que nam he:

mas

mas os Príncipes, que se magoão da ve-  
 stade. proveçãose do furor, porque vem,  
 que se conhece, o que não preclumão, q̃  
 chegase a conhecido, & que pode ser,  
 que elles mesmos, não conhecão, ou a-  
 dulados dos outros, ou de si mesmos: &  
 ja que não podem impedir os entendi-  
 mentos, que nam entendão, querem pre-  
 der as penas, para que nam digão, & atar  
 as línguas para que nam falem; porque  
 se o mal, se nam perde na memoria dos  
 presentes, pello menos nam chegue, a lō  
 branca dos futuros; & certamente os  
 Príncipes, terião no seu poder produzir  
 o esquecimēto, se em seu poder estivera,  
 assi como està o emmudecētes as lin-  
 guas, estivera tãbẽ o restearnos as penas.

Não me acomodo cõ tudo com o vul-  
 go, quando diz, que os pasquins, são bẽs  
 mestres dos Príncipes; avorregos como  
 inúteis, vituperos, como perniciozos. Eu  
 não disse, q̃ se aprovẽ, disse, q̃ se não cas-  
 tiguem sempre, mas, nam quiz entēder, q̃  
 algũs

algumas vezes senam castigadas. A licença do escrever, & falar contra o Príncipe, té grande perigo, porque lhe faz perder o respeito, & perdido, se produz a rebeliam. De que servem as advertencias nas quaes intervem os conselhos daquelles, que nam tratando interesses de Estado nam conhecem sobre que roda se movem? O Príncipe (ao que entendo) erraria, em seus negoceos, senão buscasse o parecer de muytos (fuy pera dizer de todos) se o podera fazer, sem que a todos comonicasse seus interesses. Quem o vitupera sem saber seus segredos, lembresse que o mesmo Deos, talvez seria vituperado, pella temeridade dos homens quando o que chegou a saber alguns de seus segredos, lhe não impedisse a lingua, com o freo da ignorancia.

*O Conde Duque não dá audiencia a mulheres. Não quer que as casadas, occasionẽ vergonha a seus maridos, se ellas são as de mayor valia; às viúvas, & donzellas mã*

dou certificar, que para persuadilo, teria  
 maior força hũa memoria escrita, que hũa  
 pessoa vista. Diz elle que levão muyto iê  
 po as ceremonias, que às mulheres se devê,  
 & que a fraqueza humana aconselha, antes  
 a fugir temerosamente os perigos, que confi  
 adamente esperalos.

A ternozura, senão move à amar, mo  
 ve a compadecer, o Juiz que tem compa  
 xão, está com paxão; nam hé Juiz recto,  
 se declina, & sempre declina, que se com  
 padesse, ou que ama, & muytas vezes a  
 ma, porque se compadesse. A compa  
 xão talvez, hé formada da qualidade do  
 cazo, talvez da qualidade da pessoa, a do  
 cazo introduzio o medo, a da pessoa, o a  
 mor; hũa tem por objecto, o futuro que  
 se teme, a outra tem por objecto, o pre  
 zente que se ama: & ainda que o temor  
 seja mais activo que a afeicão, move cõ  
 tudo mais a piedade, a pessoa, que o cazo,  
 porque o presente move com mayor  
 força, que o futuro quando pode ser.

Aquê

Aquelles, que julgam que a mulher, nam foi formada contra o intento da natureza, que nam seja hum erro, & q̄ nam seja hum monstro, importa que affirmẽ, que se fez por causa da geraçã: & se ella foi feita por este fim como verdadeiramente foy, he necessario que seja dotada de partes, que movam a este fim. Daqui nate, que quando se nos representa (quãdo em nòs se nam haja primeito formado hum habito. ou logo se não forme hũa grande resistenciã) corremos naturalmẽte a contemplala, pello fim, para que a produzio a natureza. A distancia he melhor repare, que o habito, mais seguro, q̄ a resistenciã; o homem pode sempre resistir, mas nem sempre resiste: & as occasiões extraordinarias, que são raras, o am produzem habitos, os quacs pedẽ actos frequentes, antes nossa inclinaçõ depravada os nam admire: porque he este hum natural inseparavel, da natureza corrupta: pode o homem vencelo não dividilo.

Foy aucto ao Cõde Duq, q̃ hũ ministro de  
 hum Potentado grande, o vituperava. Eu  
 o nam quero ciet, nem ja mais o cterey.  
 Não he este acto para presumirse de hu  
 homem de tanto valor. Respondeo o Con  
 de Duque, que tinha razão de vituperalo,  
 & de o reputar por insufficiente, principal  
 mente se con go o comparase, pois he me  
 nistro de tanta fama, & digno de tão gran  
 de louvor.

Vituperar os emulos, he final, ou de  
 grande bondade, ou de grande fraqueza:  
 pella mayor parte, quando nam proce  
 de de zelo, procede de enveja: & a enve  
 ja em rezam de sua propria essen  
 cia, de inferioridade; quem se conhece su  
 perior aos outros, louva os emulos, por  
 engrandecelos, & por engrandecetse, &  
 quanto os faz mayores, se faz mayor.  
 Não he grande aquelle, que excede  
 aos pequenos, aquelle he grande,  
 que excede aos mayores. A

com

A comparação pessima de vime o yitit perio, porem não forma o louvor: a comparação, que he o melhor, o acrescenta. Hum tirano que nunca dezejou outra couza, mais que aniquilar os Vassallos, se envergonhou quando os reconheceo aniquilados, porque conheceo, que se avia aniquilado.

Aquelles que querem aprender qualquer arte, ou qualquer sciência, o primeiro objecto, que se lhe propoem, não he immediatamente o objecto da arte, ou da sciencia, propoemselhe primeiro o artifice, ou o scientifico, nam o mayor, se nam o mais vizinho. Os nossos dezejos sam de curta vista, vem pouco de longe: & he cousa para notar se, que aquelle mesmo homem que tem hum animotão dilatado, que nem com as mayores couzas do mundo se fatistaz, o tenha tão pequeno no que se estima, que com as menores se contenta: parece, que procede hũa cousa, da baxeza da materia, a outra da

da inércia da forma: quando pois este artífice, ou scientifico, chegou áquelle primeiro objecto, he logo movido do outro, & não acaba de ter por objecto a hum homem, em quanto nam deixa a tras, a todos os homens: & então por ley de seu natural, não se vira a tras, a ver aquelles, a que se adiantou, como aquelle que está todo atento, nam em conseguir a eminencia, entre os professores, se nam a eminencia daquelle profissam, & nam faz ja reflexam, sobre a qualidade dos artífices, sò considera a grandeza da arte: donde naec, que quando não fala dos outros, quando os não considera, dà indício de os aver passado; & se acaso se lhe tratou de algum artífice, o louva, porque ambos elegeram a arte; nam o vitupera, porque se nam imagina o tal, como objecto a que nam haja chegado, mas como companheiro, para hum objecto, a que elle tam pouco tem chegado

*Naõ he o Cõde Duque teimozo defensor de*

de seus pareceres; se tal vez encontra com hum melhor (bem que raras vezes o encontra) o abraça. Alguns estio firmes em seu parecer, porque he bom; & he constancia; alguns porque o não conhecem melhor; & he fraqueza; algũs porque o não quetem conhecer; & he obstinação. Parece cousa mais segura para o Privado, acomodar se áquelle parecer, que lhe parecer melhor; se tem bom successo, he o parecer seu, porque o fez seu, quando o aceitou; se succede mal, não he o parecer seu, porque o não era. Evitará os perigos inexplicaveis, que tras consigo, o fazer se cabeça de hum partido, se depois de dizer a sua opinião, se não obriga a deffê dela obstinado.

Nem todos os pareceres, que parecẽ os melhores o sam, porque nem sempre se obra cõ os melhores. A irresolução, he julgada fraqueza, & por ventura que he dote rico do entendimento. O seu objecto he aquella verdade, que nõ pode ser  
men

mentira, e se aquietta sobre o que pode, & não pôde ser, pareſſe engano.

Aquelle que he cabeça dos conſelheiros, não eſtá por iſſo obrigado a ſe fazer cabeça dos Conſelhos. Quem occupa grã de poſto, não o deve aventurar, ſobte a incerteza do ſucceſſo, não ſão nelle iguaes, o riſco, & o intereſſe. Devia propor ſempre os negoceos por medo de duvida, ſem deſixar cazo que não diſtingua, no que não dezata, rezulução, q̄ não propuzeſſe, para q̄ ſenaõ eeva formar parecer, que não proceda de argumentos, & deſſendido das ſoluçoens, q̄ ſeu entendimẽte propos, & neſte caſo; ſe os cazos ſucedem, ſerá a honra ſua, porque ſe emprenderaõ pellas ſuas razoens, ſe ſucedem mal, não pade-cerá o pejo, porque o encontra com as difficuldades, q̄ previo: & ſe acazo qual quer; algũa vès eſtá mais inclinado a hu ma ſolução, que a outra procure que hũ ſeu confidente ſe faça cabeça. He bera verdade, que hum ſugcito de grãde valor



de descarregarce, e de carregarem os outros, pello que Vossa Excellencia fará grande serviço a S. Magestade, e grande bem á Republica se tirar da Corte este abuso, não digo que se deixem sem castigo, as pessoas principaes, se diminuem o respeito a Justicias que se enforquẽ os Menistros que mal exercitaõ. Esta advertencia, que fez evidente a intenção do Conde Duque consolou tambem grandemente a nobreza.

As Monarchias, que os mais altos colços do Mundo, sustentaõse em pé por duas vilíssimas colunas (premitafeme o nome alas) algozes, & belíguins, porem tambem o jardim, suavissimo de flores, aminissimo de ervas, & fructifero de plãtas, quando todo espira suavidades, & belezas, tem por remedio o excremẽto dos brutos. Se os Imperios, não tiveraõ de generado em tiranias, se o zello de Deos sempre o admenistrara a justiça, acharaõ se os Samuels, q̃ mataraõ os Achabs: a charaõse os Elias, que ensanguentaraõ

o cutello, nas entranhas dos faços Prophetas. Daqui procede q̄ os vauallios de alto fangue, tē reputado por vergonhoso o serem Ministros da impiedade, & foy necessario recorrer a gēte vilissima do Povo, & por q̄ os homēs baixos quādo entraõ em hū catgo, se o naõ achaõ vil, o fa zē cōueniente, q̄ ainda os Principes mais sagazes, os deffēdesē, & sustētasē, por q̄ se tãbē elles os desprezã, a fraqueza deste fundamento caularia em cōsequēcia, arruyna d o poder, & pode ser que foĩ tambē arte dos Principes, o meter estes officios, na mão de gente tã vil, & tem esta tanto de terribel, que se há terribilidade tivera unida a reputaçã, naõ estou seguro, q̄ em lugar de fazerem temer sō aos subditos, naõ fizessē tambē temer ao Principe, mas agora o naõ podē offēder cō a reputaçã q̄ lhe dá, por q̄ elle os defende. Iulgan os Principes erro castigar aquelles cō q̄ se castiga, & crem que sobre tã infame gēte, se cōcerva a dominação se for

se forma sobre hũ individuo, como se o peçoço de hum picaro fora o peçoço de hũa Monarchia, podem hê couza muy ordinaria, fazer que viva a justiça sê pureza, para poder se cõservar sê ruyna.

Passou o Duque de Ariscot de Flãdes a Espanha, mandado da sempre mais grã de, que todo o leuvor, a Infanta, Izabella aqual como assegurou a El Rey Catholico da inviolavel fidelidade deste Duque, na rebelião que se lhe propos do Conde Enrique, & outros rebelados, assi tambẽ lhe escreveo, que do Duque se poderião entender, todas as pessoas que na rebelião entervietão, & todos os designios, que tratavam. E porque neste tempo se começaram a sentir effeitos em Flandes, El Rey mandou fazer perguntas mas ao Duque de Ariscot; & elle respondo, que não sabia mais, que o que a Serenissima Infanta avia descoberto. Esta negativ : entam perigoõ negocio, parecia pedir puzam, podem

o Conde Duque que conheceo não proceder de mau animo, mas de num certo escrúpulo de descobrir os que delle se firaão, tomando sobre si o seguro de elle não haver de fugir, pediu a Sua Magesta de o quizesse perguntar de novo.

Há muytos que julgaõ não serem obrigados a dizerem o que sabem, & que basta que não façam, o que não devem, porém fazem o que não devem, quando não dizem, o que sabem; Nas conjuraçoens, he o silencio: mayor delicto, que a conjuraçãõ, se se sabem, empedecem, & se onãõ disse hum dos que o soube, antes o cala, mostra que he nelle, mais o que se teme, que o que se ama. Creio que no Duque de Aricor, o carather da nobreza de animo, que o fez fiel com o Príncipe, foi o mesmo que o fez fiel com seus amigos mas que fê se deve guardar, a que não guarda fê, & aquem o quer fazer infiel; & fuy para dizer aquem o fez; quando o chega a intentar. Que amigo pode ser

fer o ~~\_\_\_\_\_~~ convidada para hũa conjura-  
 ção. ~~\_\_\_\_\_~~

Isto que escrevo, mais que conceito he verdade, & hê verdade que os homês, aqui se enganão muyto inclinandose ao falço. debaixo da especie de bom. Oca-  
 sião de tão grande erro, foram os tiranos que por meyo de suas maldades tem fey to infamia o discubrir as conjuraçoens & gloria, o formalas. Por ventura que nel las cooperaõ os Piíncipes, premitindo, q̄ sayãõ a luz, ornadas de louvores, mostrã do que o cunjarat he bom, se o Principe não hê bom. Quanto melhor ouvera fi do, ter feito este negocio de todo detes- tavel, que o deixar no juízo dos homês, o julgar primeiro ao Principe, & depois as conjuraçoens? Nossa Religiaõ em par te há nisto provido. Os que tem encõ trado a autoridade do Papa nosso Se- nhor, naõ querendo que nas mãos delles esteja declarar os tiranos, ou tem dezejo de o fer, ou quizerãõ arbitrio para o po-

derẽ ser, ou o saõ ja. Naõ se he esteõ cou  
 sa seja razaõ de Estado, a qual (quãdo a  
 Religiãõ q os deve mover os naõ move)  
 naõ sômẽte lhes fizera crer esta verdade  
 por infalivel, mas ainda, q a fizeraõ elles  
 crer aos Vassallos, paraq ainda saõ tantos  
 os tribunaes, que julgaõ do Principe,  
 quantos saõ os subditos (& q cõforme o  
 seu juizo, fazelicito, ou ilicito ocõjurar)  
 se reduzisem a hum sõ equissimo tribu-  
 nal, qual he o do Vigario de Christo.

*Fez El Rey outras duas vezes perguntas  
 ao Duque de Ariscot, mais como irmão, que  
 como Senhor, mas sempre deu a mesma re-  
 posta, quiz o Conde Duque, falarlhe tambẽ  
 em presença do Duque de Alva, & do Presi-  
 dente de Castella, & lhe respondeo o Duque  
 de Ariscot, que ja dissera tudo o que sabia,  
 & q se a Infãta fora viva pode a acreditar  
 a sua verdade, o Conde Duque por vencelo,  
 lhe relatou a carta da Infanta, ao que elle fi-  
 cou atonito, mas naõ se mostrou convencido,  
 dõde teve principio mãdalo El Rey meter e*

hum Castello com todas as comodidades possiveis, & nelle discorrendo Ariscot, sobre a carta da Infanta, vendo-se reduzido a termos de necessidade, escreveu ao Conde Duque huã carta, pello haver conhecido taõ affecto a suas couzas; & nella lhe declarou, o que dezejava.

Levou o Conde Duque a carta a El Rey sã abril, & depois lhe pediu de joelhos; quize escuzar o erro do Duque de Ariscot, nacido de huã falça openiaõ, & não de huma mã vontade, & entretanto alcançou licença, para lhe restituir a espada, porque senão conhecese q a culpa propria o detinha, ordenando que em Flandes se publicasse hum edicto de perdaõ a todos es que por descubrirem sua culpa, se quizessem livrar de culpados

Os escrúpulos da honra, com que talvez os subditos, desgostam aos Principes, são mais dignos de compaxãõ, que de castigo. Que mal se pode teñer de quem nasceu honrado? O subdito nam pode fazer mal a seu senhor, senão he infame.

Deve

ve o Principe como subdito, e não como Príncipe, fa-  
 zer como o Medico, violenciar o doente  
 para que sarè, não para que morra. Quã-  
 do o homem obra sò por zello da honra,  
 não obra por vontade, nem tambem con-  
 tra a vontade, porem fora da vôtade, por  
 que o que quer persuadir, não está nelle,  
 está fora delle, o afaltalo com a neces-  
 sidade, não he fazerlhe violencía, senão re-  
 moverlha. Seria a honra hũa das mayo-  
 res bazes, que sustentara a natureza ca-  
 hida, se afsi fora regulada por boas leys  
 como he distrahida por pessimas opinio-  
 es: mas não se pode regular com leys se  
 se não tira primeiro a reputação aobrio,  
 & esta não se pode tirar, porque he hũa  
 qualidade muyto importante nos subdi-  
 tos, se os Principes querem deffender se-  
 us Estados, ou crecelos. As emprezas que  
 os homens com generosidade fazem; &  
 os danos que recebem da vileza, fazem  
 desprezar esta, & aplaudir aquella, de  
 tal modo que muytos os chamaraõ disti-  
 midos

vidos, por nomens que tendo mayor animo, quam que tinhaõ mayor alma.

Devesse tambem louvar ao Cõde Duque dos felices progressos em Alemanha: elle foi o que aconselhou a elRey, q mandasse, & que proveo para que se pudesse mandar ao Cardeal Infante, Principe mancebo, de espiritus grãdes, & magnanimos, de animo generozo, & de coraçãõ intrepido, cujos rayos, ainda bẽ naõ appareceraõ no Oriente, quando consumiraõ os vapores, desterrataõ as nuves, & serenaraõ o Ceo. Certo he grande-coula, & naõ nova, antes muyto uzada, que tres Principes mancebos elRey de Vngria, o Infante Cardeal, & o Duque Carlos de Lorena; ajaõ atemorizado, & prostrada a sagacidade, a experiencia, & a fortuna, de tantos Capitaens, reputados, & velhos, no exercicio das armas.

Todas as cousas, que neste Mundo nascem, tem ordinariamente seus periodos: & estes saõ, principio, augmento, estado, decli

declinação, & fim. O q̄ pintou a Fortuna sobre hũa roda, se esta não era a do Ceo, se a Fortuna não era as Estrellas, errou em pintar sobre hũa roda, hũa couza no Mundo, aonde todas as couzas, tem a sua roda. He verdade que a Fortuna, muytas vezes envelhece com o homem, poré naquelle que levantou, não he aquella q̄ o abaxa, pera que torne a voltar. Ha hũa Fortuna que augmenta, & há outra Fortuna, que abate, & que declina.

Que os Príncipes Estrangeiros, movão as Cidades de hum dominio, a rebeliões, não me maravilha, mas que as Cidades se deixem mover, me pasma, se vem sem, primeiro vem destruhida a terra, cõ fumida a gente, gastados os thezouros, & entram primeiro que vencessem, perderam, nam tiveram o senhorio, mudam no aquelle odio que tĩhaõ ao primeiro eñhor, se converte ao segundo, não he odio contra o Homem; he contra o dominio, mais, porq̄ ainda que os Príncipes são

morta

mortaes, os Principados são eternos.

Muytos se lizongeaõ, porque esperaõ de se melhorar na mudança; confiaõse nas amizades, são vans: o amor do interesse, que he Gigante, facilmente abate os mais amores, que são meninos. Hase de crer por ventura, que se deve achar menos cobiça de mandar, no novo senhor, que não he novo senhor, senão por grande cobiça de mandar? Antes se deve entender por cousa certa, que ha de fechar o caminho por onde subio ao lugar, a fim que outro não possa subir. Não que ro representalhes os males, que produzaõ as perdas, nem aquelles que produzem, & não produzem tantos, quantos produzaõ as victorias, Levemente se precipitarão, estando governadas pella benignidade de Principes, taõ piadozos.

Se Deos nosso Senhor fora fervido, demonstrat em hum espelho aos Principes, & Cidades, que na Alemanha se rebelarão, debaixo de futuro condicionado.

nado, o effeito, que tal rebelião havia de produzir, não succedera tão lamentavel tragedia; mas certo, elle não deixou de a representar, àquelles olhos que a quize-  
raõ ver. Que entendimêto ouve tão gros-  
feito, que discorrendo a, a não conheces-  
se? Que memoria tão fraca, que assi mes-  
mo nao representase futuro, oq̃ é como pu-  
rissimo espelho, via representado, nas pas-  
sadas guerras? O que tem sido, he o que  
hade ser: particularmente quando o que  
foy, he o que he.

O espaço de cem annos, ao mais he a  
largueza da may, que tem o rio do esque-  
cimento. Mortos sam ja aquelles homês,  
que conhecerão sem fruto as rebelioês,  
vans, & nem sem grande perigo, & com  
grandissimo dano. Ia se não representão  
â vista, as Villas arrasadas, as arvores fei-  
tas cinza, esterelizadas as terras, as cida-  
des destruidas, & desfeitas. Não se cre o  
dano, ou se se cre não se peza, porque se  
cuida reparavel, & porque se ve repara-  
do.



as armas, julgão que para sustentarse, & não temer, he necessario o conquistar, af si não deixão as armas, senam depois de dilatado o dominio, & crecida a auctoridade.

He bem certo, que renacem as guerras porque os que vencem, ou não querem, ou não podem suspēder as victorias. Tal ves cheos de gloria, se satisfazem, tal ves aflitos com as despezas, & intimidados das mortes se desmayaõ, & dezejosos do presente, depositam o futuro nas maõs do tempo, da fortuna, & do valor, dos q succederem. Merece em todo o modo, muyto no Mundo, aquelle que auzenta os perigos, porque os mayores, inda que se dilatam, nam se tiram. He de crer se nam levantariam tantas guerras, se se achara modo, para que a grandeza, nam produzisse enveja nos iguaes, & nos menores ciumes.

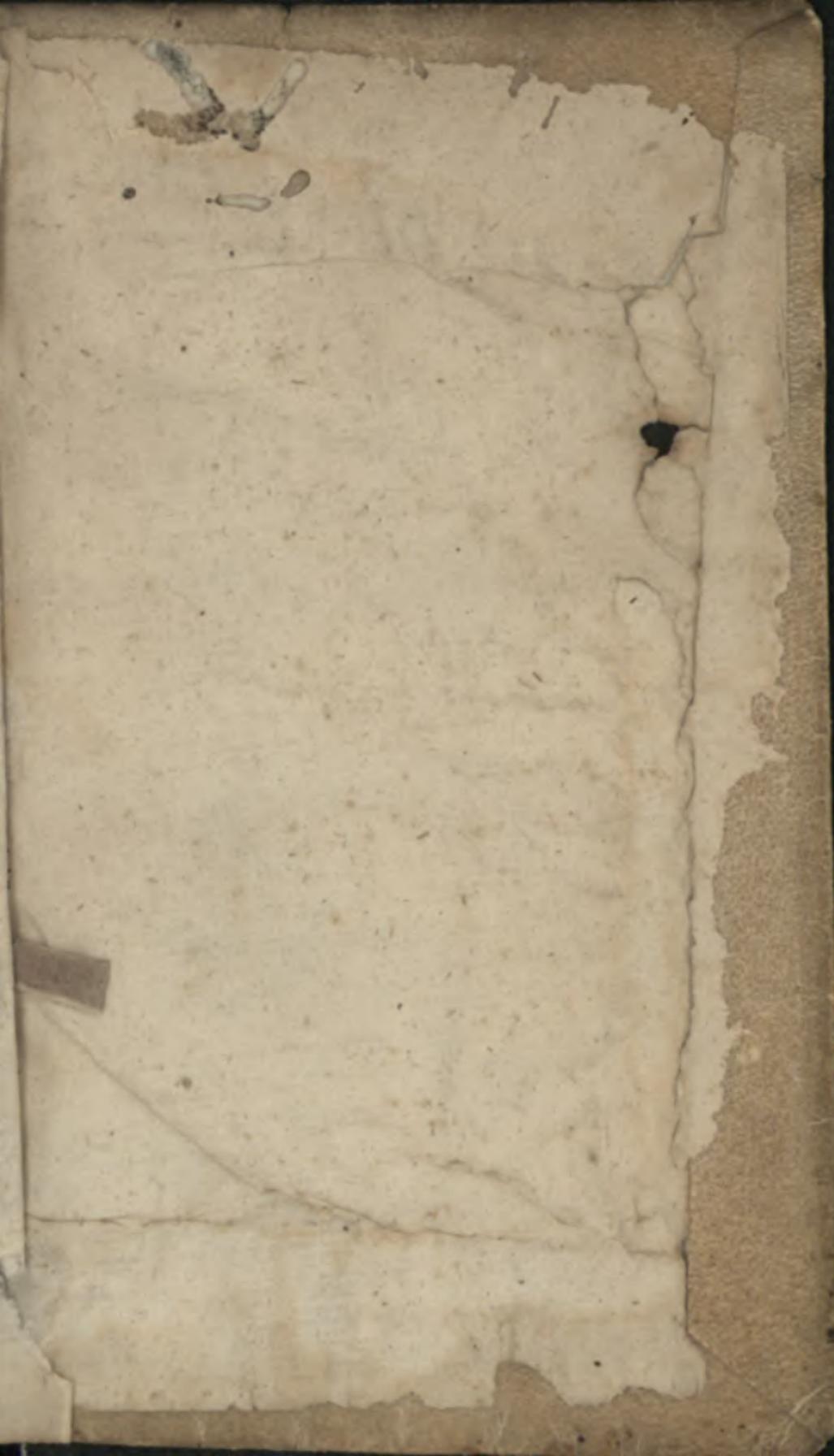
Tenho por sem duvida que os Princes (dos passados falo) depois de constituídos

ruydos na Monarchia, teriaõ sò cuidado de conservar seus Estados: mas tambem creio, que muytas vezes, se deixaria levar do credito, de os naõ poderem seguramẽte conservar, sem nova conquista da parte que temem que os perturbe: & esta conquista logo comessaria a aver outra, que comecasse a impedir a nova posse, com que se procederia ao infinito; donde por ventura succedesse, que com este insensivel engano, obrigaraõ a crer (& tal vez he cerro) que he cubiça de mandar, o cuidado de sustentarse. Aquelle Emperador sempre Augusto, que em seus tempos vio om pazo Mundo, para o poder sustentar naquella tranquillidade, que mais que de qualquer outro accidente, podia ser perturbada da enveja, & do temor; tive pensamento, naõ de dilatar, mas de restringir, fortificando os confins do Imperio, para melhor aseguralo, & para o gozar quietamente, sem fazer conhecer, que a cubiça do dominar, era antes

limitada, que infinita, em hum Príncipe,  
 que tinha limitado, os côr. Srs da sua Mo-  
 narchia. O primeiro, que fez a Fê viola-  
 vel, arruinou o Mundo: se com ella  
 não se enganase, não averia ciu-  
 me, & sem ciume, pouco  
 valeria a enveja, porq̃  
 ficaria sô.

*Acabe por hora aqui o meu livro, em no-  
 me do Pay, do Filho, & do Espi-  
 rito Santo.*

LAVS DEO.





B.

93